

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Ariane Santos da Silva

**ENTRE O PRINCÍPIO ESPERANÇA E O JOGO DA LIBERDADE:
do brincar em Winnicott à escrita de mulheres no Wattpad**

Belo Horizonte

2023

Ariane Santos da Silva

**ENTRE O PRINCÍPIO ESPERANÇA E O JOGO DA LIBERDADE:
do brincar em Winnicott à escrita de mulheres no Wattpad**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestra.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Roberto Rodrigues Belo.

Belo Horizonte

2023

150	Silva, Ariane Santos da.
S586e	Entre o princípio esperança e o jogo da liberdade
2023	[manuscrito] : do brincar em Winnicott à escrita de mulheres no Wattpad / Ariane Santos da Silva. - 2023.
	85 f.
	Orientador: Fábio Roberto Rodrigues Belo.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	1. Psicologia – Teses. 2. Mulheres - Teses. 3. Esperança - Teses. 4. Psicanálise – Teses. 5. Winnicott, D. W. (Donald Woods), 1896-1971. I. Belo, Fábio Roberto Rodrigues . II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE ARIANE SANTOS DA SILVA

Realizou-se, no dia 16 de dezembro de 2023, às 09:00 horas, Online, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *ENTRE O PRINCÍPIO ESPERANÇA E O JOGO DA LIBERDADE: do brincar em Winnicott à escrita de mulheres no Wattpad.*, apresentada por ARIANE SANTOS DA SILVA, número de registro 2021700814, graduada no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Fábio Roberto Rodrigues Belo - Orientador (UFMG), Prof(a). Fernando Genaro Junior (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia), Prof(a). Érica Silva do Espírito Santo (UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

☒ (x) Aprovada

☐ () Reprovada

Finalizados os trabalhos, a presente ata, lida e aprovada, vai assinada pelos membros da Comissão.



Documento assinado eletronicamente por **Fábio Roberto Rodrigues Belo, Professor do Magistério Superior**, em 18/12/2023, às 13:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Genaro Junior, Usuário Externo**, em 18/12/2023, às 13:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Érica Silva do Espírito Santo, Usuária Externa**, em 18/12/2023, às 15:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2909899** e o código CRC **7C9A7DFC**.

A Maria, minha mãe suficientemente boa e meu maior exemplo de mulher. É nela que enxergo e é ela que me inspira a estranha mania de ter fé na vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, a quem dirigi todas as preocupações e reclamações que jamais pensei em dividir com qualquer outro. Das conversas que tivemos, participaram as dúvidas sobre a real necessidade desta pesquisa, as quais, graças a sua orientação espiritual, foram sanadas. Quando a angústia tentou me desviar do caminho, foi Ele que me pôs de novo nos eixos.

A meus pais e irmãos, por desde cedo apoiarem meu hábito de ler. Ainda que não consigam mensurar a importância dos livros em minha vida, eles nunca deixaram de me incentivar à leitura. Obrigada por terem entendido e respeitado os momentos de reclusão, ansiedade e nervosismo pelos quais passei durante a produção deste trabalho e, não obstante, por terem facilitado minha rotina quando mais precisei.

Ao professor Fábio Belo, pela orientação cuidadosa e pela aposta em um tema quase desconhecido. Sua luta por uma psicanálise plural, não reduzida ao narcisismo das pequenas diferenças de nossos pares, me faz acreditar que cursar o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG vale a pena.

A Fernando Genaro e Érica Espírito Santo, pela participação na banca de qualificação do projeto de pesquisa e pelas contribuições valiosas que me ofereceram nessa etapa, as quais foram essenciais para que eu pudesse reavaliar, de forma rigorosa, minhas concepções teóricas no campo da psicanálise winnicottiana. Agradeço pela disponibilidade de comporem também a banca de defesa desta dissertação.

A meu irmão de outra mãe, Allisson Vasconcelos, por ter oferecido uma escuta incansável de meu tema e por ter se proposto a compreender Winnicott, mesmo sendo “fluente em lacanês”. Sem sua amizade e sua estima, talvez eu não tivesse chegado aonde cheguei. Obrigada por acreditar em mim quando nem eu mesma acreditei.

À Anne Stone, a amiga que fiz antes mesmo do início do curso, pela companhia durante todo esse percurso. Obrigada por partilhar comigo risos e lágrimas nos corredores da FAFICH e pelas histórias que vivemos e agora temos a contar.

À tia Luciana, que me apresentou o universo dos romances literários. Não fosse seu entusiasmo, talvez eu não tivesse conhecido a série *Vagalume* e me aberto para esse mundo de fantasia e invenção que, desde então, tem permeado minha vida. Obrigada por me acompanhar nas mais diversas aventuras literárias, desde a primeira reunião do Clube do Livro de Belo Horizonte até a Bienal Internacional do Livro em São Paulo.

Ao CNPq, pelo fomento no primeiro ano do curso.

*Quem me chamou
Quem vai querer voltar pro ninho
E redescobrir seu lugar
Pra retornar
E enfrentar o dia-a-dia
Reaprender a sonhar*

*Você verá que é mesmo assim
Que a história não tem fim
Continua sempre que você responde sim
À sua imaginação
À arte de sorrir
Cada vez que o mundo diz não*

*Você verá
Que a emoção começa agora
Agora é brincar de viver
E não esquecer
Ninguém é o centro do universo
Assim é maior o prazer*

(Arantes, 1983, lado B, faixa 1)

Os pés de uma criança não precisam estar sempre firmemente plantados na terra. Se uma garotinha nos disser que quer voar, não nos limitemos a responder: "As crianças não voam". Pelo contrário, devemos agarrá-la e fazê-la girar em torno da nossa cabeça, colocando-a depois no alto do armário, de modo que ela sinta realmente que está voando como um pássaro para o seu ninho.

(Winnicott, 1949/1982, p. 78)

RESUMO

Alguns autores compreendem o nomear como uma tarefa ambiciosa. Nomear alguma coisa seria uma maneira de reconhecê-la, distingui-la das demais, ou seja, elevar sua importância. Assim, no intuito de oferecer uma maior visibilidade para a escrita de mulheres, desenvolvemos um trabalho que busca nomear o que Lucia Castello Branco definiu como “quem me chama”. Nesse sentido, questionamos o que levaria mulheres a escrever mesmo em meio a uma realidade adversa, em que suas obras e conquistas são relegadas como um fazer de um segundo sexo e, por isso, menorizadas. Dessa forma, este trabalho está dividido em dois artigos: no primeiro, destacaremos a escrita de mulheres, a criatividade e o princípio esperança e, no segundo, privilegiaremos o brincar como uma ação presente no Wattpad que desencadearia um jogo da liberdade. Assim, por meio de um mapeamento nas obras de Winnicott de conceitos como *criatividade*, *espaço potencial* e *vir a ser*, entendemos que a escrita de mulheres faz parte do que chamamos de princípio esperança, um impulso que se inicia na criatividade, presente em todos os seres humanos que tiveram um desenvolvimento saudável nos moldes de Winnicott, e que, de certa maneira, culmina em um jogo da liberdade, desenvolvido principalmente na plataforma Wattpad, na interação entre autores e leitores. Para enriquecer nosso trabalho, utilizamos uma abordagem qualitativa de pesquisa, pela qual realizamos alguns recortes de textos postados na rede social X, antigo Twitter, para colocar em pauta as falas dos usuários do Wattpad sobre esse movimento de esperança e liberdade.

Palavras-chave: Escrita de mulheres. Wattpad. Princípio esperança. Jogo da liberdade. Psicanálise winnicottiana.

ABSTRACT

Some authors treat naming as an ambitious task. Naming something would be recognizing it in some way, distinguishing it from other things, which implies elevating its importance. Thus, in order to offer greater visibility for women's writing, we developed a study that seeks to name what Lucia Castello Branco defined as "who calls me". In this sense, we question what would lead women to write even in the midst of an adverse reality, in which their works and achievements are relegated as constructions of a second sex and, therefore, diminished. Thus, this work is divided into two articles: in the first, we will highlight women's writing, creativity and the principle of hope and, in the second, we will focus on playing as an action present on Wattpad that would trigger a game of freedom. Thus, through mapping in Winnicott's works concepts such as *creativity*, *potential space* and *becoming*, we understand that women's writing is part of what we call the hope principle, an impulse that begins in creativity, present in all human beings who had a healthy development along the lines of Winnicott, and which, in a certain way, culminate a game of freedom, developed mainly on the multiplatform Wattpad, in the interaction between authors and readers. To enrich our study, we used a qualitative research approach, through which we made some excerpts from texts posted on the social media platform X, formerly Twitter, to highlight the speeches of Wattpad users about this movement of hope and freedom.

Keywords: Women's writing. Wattpad. Principle of hope. Game of freedom. Winnicottian psychoanalysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- E se eu nunca tivesse baixado o wattpad?.....	54
Figura 2- Por que você escreve? (sim, essa pergunta é do tipo existencial).....	58
Figura 3- A imaginação e o processo de escrita.....	58
Figura 4 - Autores do gênero erótico sofrem preconceito nas redes sociais	68
Figura 5 - Uma nova concepção de literatura.....	71

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 APORTE METODOLÓGICO.....	15
3 ARTIGO 1: A ESCRITA DE MULHERES: CRIATIVIDADE E O PRINCÍPIO ESPERANÇA	18
3.1 Considerações Iniciais.....	19
3.2 Este Feminismo	21
3.3 Mas, antes, ser	26
4 PRINCÍPIO ESPERANÇA E CRIATIVIDADE: No Fim, Está o Meu Começo.....	29
5 PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DE FLORES.....	35
6 DESCONTINUIDADE E DESESPERANÇA.....	37
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
9 REFERÊNCIAS.....	41
10 ARTIGO 2 : O JOGO DA LIBERDADE: A ESCRITA DE MULHERES NO WATTPAD E A CRIATIVIDADE E O BRINCAR EM WINNICOTT	45
10.1 Considerações Iniciais.....	46
10.2 A Terra de Ninguém	49
10.3 A Escrita de Ninguém ¹⁴	60
11 O Jogo da Liberdade	64
12 CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
13 REFERÊNCIAS.....	73
14 CONCLUSOES	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79

1 INTRODUÇÃO

É curioso como minhas primeiras experiências literárias foram com autoras femininas, dos primeiros romances de banca, entre Julias, Sabrinas e Biancas, até eu me tornar o que apelidei, ainda adolescente, de “caçadora de vagalumes”. Minha maior recordação dos primeiros anos da escola são as idas à biblioteca em busca dos livros da série *Vagalume*. Meu objetivo era ler todos os títulos dessa coleção. Não posso garantir que o cumpri, mas posso assegurar que a tentativa, por si só, foi uma verdadeira aventura. O primeiro “vagalume” que me marcou foi justamente um escrito por uma mulher: *O escaravelho do diabo* (1953), de Lúcia Machado de Almeida. Como se pode notar, a escrita de mulheres faz parte de minha história desde muito cedo, sem que eu mesma me desse conta disso.

O cenário atual em que a escrita e a leitura se encontram, parece ir contra a qualquer noção de liberdade até hoje conquistados pelas mulheres. Dessa forma, durante a construção do trabalho o fator, liberdade se tornou referencial na compreensão de nosso objeto de pesquisa. Contudo, um questionamento se fez presente: A liberdade feminina é um fato ou uma ficção?

Assim, nomear a experiência de escrita como processo de criação dinâmico foi muito caro para mim. Tudo pareceu acontecer de forma concomitante ao desenvolvimento de meu texto. É importante salientar que não renego a ideia de que os olhos do pesquisador muitas vezes se deixam enviesar, observando em tudo que está a seu redor algo relacionado à pesquisa. Porém, suponho que nem tudo é uma simples coincidência.

A insistência de um domínio sobre o corpo da mulher e sobre tudo que se relaciona ao feminino se evidencia em números alarmantes. De acordo com o levantamento do Monitor da Violência, desenvolvido em parceria entre o portal de notícias G1, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública e o Núcleo de Estudos de Violência da USP, uma mulher é morta a cada seis horas no Brasil, dado este referente ao ano de 2022 (Velasco *et al.*, 2023). O feminicídio no Brasil cresce em um cenário no qual, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o homicídio de mulheres supera em seis milhões o de homens (Doria, 2023).

A fim de garantir o controle populacional, afinal somos muitas, e o controle de natalidade, que também é de nossa responsabilidade, o prefeito de Barra do Piraí (Rio de Janeiro), Mário Esteves, não ironicamente do partido Solidariedade, defendeu a ideia da castração química de mulheres. Todavia, não houve tempo para discutir a ideia do político, pois alunos de medicina decidiram fazer um “punhetaço” (masturbação masculina coletiva) em um jogo de vôlei feminino, e o trote, nomeado como brincadeira, roubou a cenas nas

discussões, já que ambos os fatos ocorreram no mês de setembro de 2023 (“Prefeito de Cidade do RJ”, 2023).

Todas essas notícias poderiam servir de aporte empírico para a elaboração de estudos sobre a questão do gênero feminino nos mais diversos âmbitos, sejam estes políticos ou sociais. Porém, neste trabalho, esse compilado serviu de resposta ao questionamento que me direcionou quando comecei o percurso de escrita. Pude perceber que a liberdade feminina é uma ficção, escrita a partir de um idioma não legível. Ora, os primeiros questionamentos que surgem de notícias de violência contra a mulher são *o que ela fez, que roupa ela usava, por que ela bebeu* etc. A vítima, muitas vezes, é mais culpabilizada que o agressor. Contudo, mais dois eventos foram fundamentais para perceber que liberdade ainda é pouco, que o que as mulheres precisam ainda não tem nome, parafraseando Clarice Lispector.

Na madrugada do dia 29 para o dia 30 de julho de 2023, uma mulher de 22 anos foi abandonada desacordada em frente a sua casa por um motorista de aplicativo. Minutos depois, a jovem foi carregada por um homem desconhecido, que a levou para um local ermo e abusou sexualmente dela. Segundo reportagem, os números de estupro contra mulheres em 2022, no estado de Minas Gerais onde ocorreu o crime, chegaram a um nível preocupante, com 3.642 registros (Andrade & Ferreira, 2023). Nos dias que se seguiram, presumidamente o assunto foi tema de conversas nos mais diversos locais: padaria, bar, local de trabalho, faculdade etc. Não obstante, nas redes sociais, o assunto foi massivamente debatido, com o nível de culpa dos envolvidos no ocorrido balizado por pessoas de diversas idades e gêneros.

Uma situação corriqueira na rede social X, antigo Twitter, no entanto, pareceu ganhar mais notoriedade, sendo muito mais debatida do que um estupro: uma personalidade da mídia, ou melhor, um homem heterossexual, influenciador digital, republicou um *post* de uma usuária que relatava sua experiência com um romance erótico, afirmando que tinha ficado impactada com o livro. Abaixo de seu depoimento, estava a foto de um trecho da publicação. O influenciador, que leu apenas esse trecho aleatório, se referiu ao livro como constrangedor, achando vergonhoso pensar que alguém se excitava lendo o que estava escrito ali. Ele foi criticado por uma parcela de pessoas que se identificam com o nicho de literatura erótica, mas também recebeu apoio de diversas pessoas que não veem nesse nicho literatura.

É importante observar as postagens do influenciador e o quanto ele se demonstra apegado ao futebol, descrevendo experiências que ele mesmo afirma serem emocionantes. É interessante como sentimentos de felicidade e até mesmo o choro são relatados livremente. Uma postagem em específico chama a atenção para o fato de ele afirmar que está sendo criticado por gastar seu dinheiro com um time de futebol. A resposta dele é baseada no poema

Olhe aqui, Mr. Buster, de Vinicius de Moraes (1962/2010): “O senhor sabe lá o que é torcer pelo Botafogo?”. Essa é uma pergunta que se tornou lema da torcida do time. Contudo, é intrigante observar que a sentença se completa com os dizeres: “Tu não sabes. Tu não entendes. Nunca vai entender. É diferente de tudo”. Nesse sentido, façamos um exercício e coloquemos em questão essas mesmas perguntas aos fiscais da leitura alheia: *vocês lá sabem que é escrever ou ler um romance? Vocês não querem saber, vocês não querem entender*. O propósito deles parece ser deslegitimar um nicho literário, em favor de instituir um conceito único de literatura e determinar o que é bom ou ruim na ínfima baliza de poucos preconceituosos.

Assim, chegamos ao germe da questão: o fato de que, mediante tantas violências que as mulheres sofrem na atualidade, inconcebível não é o poder que alguns homens parecem querer exercer sobre o corpo feminino; o absurdo se concentra em mulheres que querem escrever sobre o próprio prazer. Dessa forma, encontramos para nosso objeto de pesquisa, a escrita de mulheres, o Wattpad, um espaço propício para que pessoas interessadas em todo tipo de leitura possam interagir entre si, sem que se preocupem com os julgamentos da patrulha literária defensora dos clássicos e da boa escrita.

O Wattpad é uma multiplataforma, e multi porque possibilita o acesso de seu conteúdo por diferentes *gadgets*, como computador, *smartphone*, iPad e *tablets*. Criado em 2006, o objetivo inicial do Wattpad era otimizar o tempo e o espaço de leitura, dando ao leitor a oportunidade de acesso a um livro entre a correria do dia-a-dia, por meio de *e-books*¹. No entanto, a multiplataforma se expande hoje, a partir da publicação independente. Para uma melhor compreensão do que se instaura entre autores e leitores nessa multiplataforma, valemos da teoria psicanalítica winnicottiana, principalmente de sua concepção do brincar enquanto uma proposição original de uma experiência lúdica, inerente à vida, promotora de liberdade e de criação. A hipótese desta pesquisa é que ocorre um brincar compartilhado entre leitores e autores que integram a multiplataforma — uma ação que promove um lugar de descanso das tensões entre a realidade interna e externa do sujeito.

Buscando privilegiar um movimento autoral feminino, começamos analisando a escrita feminina e a forma como esta tem sido concebida para, então, introduzir a ideia de criatividade em Winnicott e o princípio esperança em Bloch (1954/2005), não como uma forma de construção artística, mas como uma unidade sobre a qual operar. Para isso, é

¹ *Electronic book* ou simplesmente *e-book* é o nome dado ao livro em formato eletrônico que pode facilmente ser acessado pelo computador ou por outro aparelho que permite a leitura, sendo uma maneira mais acessível de compor e disponibilizar um livro para o leitor.

necessário compreender noções importantes do que Winnicott concebe como amadurecimento saudável, como *ambiente suficientemente bom*, *apercepção criativa*, e , principalmente, o *vir a ser* no pensamento winnicottiano. Assim, apresentaremos o universo do Wattpad e as formas pelas quais o brincar pode se empreender nas interações ali existentes, bem como o modo pelo qual esse movimento as direciona para um jogo que chamamos de liberdade, mas que Winnicott e o filósofo Rancière chamariam de emancipação.

Nessa perspectiva do brincar, a documentarista Renata Meirelles (2019) indagou uma criança por que ela achava que os adultos acreditavam que hoje as crianças não sabem brincar. Essa criança respondeu: “eles não vêm aqui ver o que gente ‘tá’ fazendo, e aí eles saem dizendo o que eles não viram”. Acredito que um dos maiores desafios ao construir este trabalho é justamente a proximidade da pesquisadora com o tema de pesquisa. Nós não somos meros observadores do que acontece no Wattpad; somos, sobretudo, participantes ativos desse universo, e, por isso, talvez essa aproximação embaralhe nosso processo de transformar experiência em palavras.

Nossa escolha pela psicanálise winnicottiana se dá exatamente pela oportunidade que essa teoria oferece de brincar com os conceitos sem nos atermos, de forma restrita, ao que Winnicott desenvolveu, afinal, o próprio autor acreditava que a maior contribuição que poderia ser feita a sua teoria é a de que os estudos que viriam a sucedê-la fossem descobertas pessoais, realizadas de uma maneira particular e original pelo leitor/pesquisador. Isto posto, de acordo com que a teoria nos apresenta, não buscamos uma verdade universal, mas, sim, uma leitura que se desloca nesse universo de interação no Wattpad. Dessa forma, propomo-nos a entender o brincar brincando.

2 APORTE METODOLÓGICO

Ao pensarmos em um método investigativo, podemos assinalar que o nosso está ancorado no que Winnicott concebe como *roubo de ideias* enquanto apropriação, de maneira que as palavras e as citações reunidas neste trabalho vão em direção ao reconhecimento de uma dívida com a mulher, a qual se baseia exatamente no fecundo campo da teoria do desenvolvimento saudável e na importância que a mãe-ambiente representa na teoria do amadurecimento pessoal. Em *As contribuições da mãe para a sociedade*, Winnicott (1967/2021) relata como se sente compelido a valorizar a boa mãe comum, sem descartar, é claro, a importância vital que o pai tem nos cuidados do bebê. Assim, a presença da mãe é tão importante que o autor afirma sentir que falta na sociedade um maior reconhecimento do quanto as figuras maternas são cruciais para todo sujeito no início da vida. Dessa maneira, é a mãe dedicada comum, com suas contribuições e o apoio de seu companheiro, que vai possibilitar que “todo homem ou mulher [...] tenha o sentimento de ser uma pessoa no mundo, e [...] o mundo tenha algum significado; toda pessoa feliz tem um débito infinito para com a mulher” (p. 147). Consequentemente, podemos construir o simples esquema:

– medo = reconhecimento da dependência

Assim, chegamos ao xis da questão: o medo traduzido de um não reconhecimento da dependência inicial torna-se um medo de mulher ou o medo de uma mulher. Winnicott (1967/2021) relata que esse medo pode se esconder por detrás de um receio mais difícil de ser reconhecido. Contudo, é factual a inclusão do medo da dominação. A questão é: podemos considerar que a violência perpetuada contra a mulher descende de um poder, se assim pudermos nomear com algumas ressalvas, “hegemônico” sobre o corpo dela? Dessa forma, essa dominação teria sua origem no medo que Winnicott (1950/2021) descreve como um agente poderoso que influencia diretamente na estrutura da sociedade e que talvez seja o “responsável pelo enorme volume de crueldade contra as mulheres, que pode ser encontrado em costumes arraigados em quase todas as civilizações” (p. 300).

Desse ponto de vista, é curioso como a teoria winnicottiana pode ser original, possivelmente por ser atravessada por um olhar que Winnicott mesmo nos convida a construir: o fato de ver a vida como se tudo fosse a primeira vez. Esse olhar pode ter sido crucial para que as ideias do autor parecessem atuais e se conectassem entre si. Exemplo disso consiste na importância que ele coloca na figura da mulher em um texto que versa sobre a

democracia. Seguindo uma figura da psicologia do ditador, o autor acredita que, para lidar com o medo da mulher, o sujeito procura um outro no qual tenta personificar o que, para ele, são “as qualidades mágicas da mulher toda poderosa da fantasia, credora do débito imenso. O ditador pode ser derrubado, e até morrer; mas para a existência ou poder da figura feminina da fantasia inconsciente primitiva não há limites” (Winnicott, 1950/2021, pp. 301–302). Nesse sentido, não podemos deixar de destacar o quanto ele privilegia a criatividade não somente como um fator inerente a todos os seres humanos, mas também, e sobretudo, como uma prerrogativa da mulher. Winnicott ainda ressalta a importância do elemento puro feminino no que ele chama de relação de objeto, pois, ao longo do desenvolvimento do bebê humano, especialmente no momento em que se inicia a organização do ego, a experiência de ser é estabelecida por esse elemento.

Seguindo ainda esse pensamento, Winnicott (1975/2019) afirma que a psicanálise, que poderíamos chamar de tradicional, colocou em alta conta o elemento masculino, muito baseada em aspectos das pressões instituais [*drive*] na relação de objeto. No entanto, a teoria winnicottiana busca dar uma atenção especial ao que estaria na capacidade do ser: o elemento feminino, tanto em homens quanto em mulheres. Winnicott (1964/2021) estabelece que a tão famosa inveja do pênis é um fato, mas ele também acredita que o fato de ser, enquanto capacidade do elemento feminino puro, cause inveja no homem. Dessa forma, o homem parece considerar a capacidade de ser como garantida, o que, para a teoria winnicottiana, consiste em uma consideração às vezes errônea, pois a frustração associada ao elemento feminino em homens está relacionada a outra coisa: a mutilação. Assim, Winnicott (1975/2019) relembra as histórias da mitologia grega em que os homens buscavam, em união com a deusa suprema, uma tentativa de ser. Por fim, a questão da inveja estaria relacionada ao seio como símbolo do ser. Os cuidados adaptativos maternos são os responsáveis por conferir ao bebê a oportunidade de experimentar que o seio é ele, de forma que, para a criança, “o seio é o *self* e o *self* é o seio. Inveja é um termo atormentador do seio como algo que é” (p. 135).

Dado o exposto, nosso objetivo é dar protagonismo para um feminino que não nasce a partir do masculino, cuja essência é ele mesmo, apesar de Winnicott considerar os elementos masculinos e femininos como presentes em todos os seres humanos; para ser criativo, o indivíduo deve possuir os dois elementos. Acreditamos que o fazer do elemento masculino, gerado a partir de um ser que é, não precisa de traduções universalizantes. Acreditamos que o fazer do elemento feminino, gerado a partir de um ser que é, não precisa de traduções universalizantes. O percurso metodológico que seguiremos para a realização desta pesquisa parte do mapeamento, na obra de Winnicott, de seus conceitos de criatividade, e espaço

potencial. Elencamos, de início, trabalhos como *O ambiente e os processos de maturação*, de 1965, *Vivendo de modo criativo*, de 1970, e *O brincar e a realidade*, de 1971. Também nos inspiramos em publicações de comentadores da psicanálise winnicottiana, como o apanhado sobre *A teoria do amadurecimento* de D. W. Winnicott. buscamos, por meio de uma abordagem qualitativa de pesquisa, fazer um recorte sobre escritos postados na rede social X. A técnica de recorte é reconhecida na análise de discurso e compreende formas materiais que produzem sentido, muito mais do que apenas dados de pesquisa. Conforme assinala Orlandi (1984), “recorte é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva” (p. 14). Nesse sentido, mais do que o fragmento, é a relação com o laço social no discurso. Dado o exposto, nosso objetivo é dar protagonismo para um feminino que não nasce a partir do masculino, cuja essência é ele mesmo, apesar de Winnicott considerar os elementos masculinos e femininos como presentes em todos os seres humanos; para ser criativo, o indivíduo deve possuir os dois elementos.

3 ARTIGO 1: A ESCRITA DE MULHERES: CRIATIVIDADE E O PRINCÍPIO ESPERANÇA

Resumo

Diversos trabalhos têm se colocado perante a temática da inspiração. No entanto, nesse tema, perdura a dúvida: o que leva à inspiração? Questionamentos acerca do que moveria os artistas a construírem obras capazes de despertar diversos sentimentos em seus espectadores continuam. Lucia Castello Branco afirma que a inspiração envolve um processo que parte da pergunta “quem me chama”, segundo uma ideia de indivíduos livres. Assim, nesse chamado, gostaríamos de encontrar em nosso objeto de estudo a escrita de mulheres: o que torna a autoria desse nomeado segundo sexo um movimento diferente do que ocorre nos demais processos de escrita? O percurso metodológico que seguimos para a realização desta pesquisa parte do mapeamento, na obra de Winnicott, de seu conceito de criatividade e da teoria do amadurecimento. Acreditamos que é exatamente dentre a criatividade e o princípio esperança segundo Bloch (1954/2005) que partiria o impulso de uma escrita da diferença. Assim, temos o fazer de um sexo que muitas vezes, mesmo relegado ao segundo plano, insiste em uma vida que vale a pena a ser vivida, apesar da realidade social de cerceamento vigente para as mulheres.

Palavras-chave: Escrita de mulheres. Criatividade. Princípio esperança. Psicanálise winnicottiana.

Abstract

Numerous works have addressed the theme of inspiration. However, on this theme, the question remains: what leads to inspiration? Questions about what would move artists to create works capable of awakening different feelings in their viewers continue. Lucia Castello Branco states that inspiration involves a process that starts from the question “who calls me”, according to an idea of free individuals. Thus, in this call, we would like to find women’s writing in our object of study: which makes the authorship of this named second sex a different movement from what occurs in other writing processes? The methodological path we followed to carry out this research starts from mapping, in Winnicott’s work, the concept of creativity and the theory of maturation. We believe that it is exactly between creativity and the principle of hope according to Ernst Bloch (1954/2005) that the impulse for a writing of difference would come from. Thus, we have the work of a sex that often, even relegated to the

background, insists on a life that is worth living, despite the social reality of restrictions in force for women.

Keywords: Women's writing. Creativity. Principle of hope. Winnicottian psychoanalysis.

Resumen

Varias obras han abordado el tema de la inspiración. Sin embargo, en este tema persiste la pregunta: ¿qué lleva a la inspiración? Continúan las preguntas sobre qué impulsaría a los artistas a crear obras capaces de despertar diferentes sentimientos en sus espectadores. Lucia Castello Branco afirma que la inspiración implica un proceso que parte de la pregunta “quién me llama”, según una idea de individuos libres. Así, en esta convocatoria queremos encontrar en nuestro objeto de estudio la escritura femenina: lo que hace de la autoría de este denominado segundo sexo un movimiento diferente a lo que ocurre en otros procesos de escritura? El camino metodológico que seguimos para realizar esta investigación parte de mapear, en la obra de Winnicott, su concepto de creatividad y la teoría de la maduración. Creemos que es exactamente entre la creatividad y el principio de esperanza según Ernst Bloch (1954/2005) de donde vendría el impulso para una escritura de la diferencia. Tenemos así la práctica de un sexo que muchas veces, incluso relegado a un segundo plano, insiste en una vida que vale la pena vivir, a pesar de la realidad social de restricciones vigentes para las mujeres.

Palabras clave: Escritura de mujeres. Creatividad. Principio de esperanza. Psicoanálisis winnicottiano.

3.1 Considerações Iniciais

Não é tarefa fácil nomear e descrever o que movimenta a inspiração autoral. Winnicott, em carta endereçada a Melanie Klein em 1952, considerou que “ainda não era seguro analisar um poeta. A psicologia da criação artística e, portanto, da criatividade que impregna a vida em geral não está explicada” (Winnicott, [1952]/2018, p. 45). Hoje, após mais de 70 anos, ainda não podemos afirmar que é possível, principalmente analisando a escrita de mulheres. Este, que é o tema de nossa pesquisa, não configura algo inédito, pelo contrário: é algo bastante retratado na psicanálise, bem como em outros campos de pesquisa. Contudo, em meio a tantos trabalhos que se dedicam à bibliografia feminina, sobretudo na psicanálise, é possível notar que existe uma ideia quase universal, perpassada por

significantes como *loucura*, *morte*, *impossível* e *indizível*, que permeia esse universo que buscamos adentrar.

Não é o objetivo desta pesquisa objetar qualquer teoria que tenha embasado esses trabalhos. Acreditamos que a criação literária segue como mistério, o qual Freud (1908/2020) mesmo supunha ser difícil sanar. O que insiste são indagações sobre as fontes e os meios dos quais o escritor retira sua inspiração para transformar o que até então consistia em uma simples ideia em algo que “consegue nos comover tanto, despertar-nos emoções, que talvez julgássemos jamais fôssemos capazes de sentir” (p. 53). Nesse sentido, a professora e também escritora Lucia Castello Branco (2012) concebe a inspiração como uma espécie de chamado. Ela o faz a partir de um extenso trabalho estudando a escrita da poetisa portuguesa Maria Gabriela Llansol (1931–2008). Dessa forma, é Llansol que oferece a ideia de um chamado, chamado este baseado na concepção de Nietzsche que creditava a pergunta *quem sou?* à figura do escravo, enquanto a pergunta *quem me chama?* aos homens livres. Isto posto, indagamos: o que chama a mulher a escrever?

À vista dessa questão, decidimos fazer uso da expressão *escrita de mulheres*, pela especificidade do sujeito que buscamos estudar. Branco (1991), no entanto, acredita que utilizar a expressão *escrita feminina* é algo que se pode sustentar, apesar de alguns homens apresentarem, em sua autoria, o que ela designou como *fazer-se ouvir femininamente*, o que implica uma escrita feminina não restrita ao gênero feminino, mas estendida ao que sempre está se aproximando da mulher e que, “de uma forma ou de outra, acaba por incomodar, por se fazer questão, por produzir polêmica” (p. 17).

Nesse seguimento, na busca por compreender o que exerce o chamado para a escrita, vemo-nos diante de infinitas possibilidades do re(existir) da mulher. Conforme Biazus (2019). “estamos agora diante da palavra e da sua terceira margem: lugar dos deslizos, devaneios, trocas, movimentos, contradições e resistência... de infinitos sentidos e possibilidades do ser” (p. 30). Dessa forma, deparamo-nos com um dos aspectos mais importantes do desenvolvimento saudável do indivíduo: para Winnicott, a questão pertinente à experiência do ser e da continuidade do ser.

Nessa perspectiva, nosso objetivo é compreender a existência de uma escrita de mulheres que foge à regra universalizante que perpassa a ideia de impossibilidade. Queremos trabalhar com outra hipótese, a da criatividade segundo a teoria winnicottiana. Trata-se de uma proposta diferente daquela de uma escrita limite, associada prioritariamente à morte e à loucura, a tais processos que beiram o indizível. Levando isso em conta, nosso intuito é examinar a escrita sob outro prisma, partindo do *princípio esperança*, sem desconsiderar ou

contrapor trabalhos com anos de construção e embasamento. Talvez estejamos a apostar em uma visão mais positiva de um tema espinhoso. No entanto, temos a esperança de que a produção criativa possa nos sustentar.

Dessa maneira, primeiro vamos desenvolver o que é a escrita de mulheres. Contudo, Winnicott (1975/2019) nos revela que, antes de fazer, precisamos *ser*. Dessa forma, partimos em busca de compreender essa instância do ser e o desenvolvimento emocional primitivo, com foco no feminino. Assim, a partir da constituição da capacidade do ser, podemos compreender como a criatividade consiste em um elemento presente no princípio esperança, este baseado nas ideias de Ernst Bloch (1954/2005); também, como esse pode ser um impulsopresente naquilo que compreendemos como escrita de mulheres.

Entretanto, precisamos considerar que a escrita também tem seu lado deletério. Dessa maneira, traremos a concepção de uma toxidez da escrita. Assim, acreditamos que poderemos delinear a toxidez pelo viés da descontinuidade do ser e da desesperança. Gostaríamos de empreender a ideia de uma escrita que parte das infinitas possibilidades do ser, pensando em cada sujeito em seu modo singular e em sua capacidade criativa, o que Winnicott (1966/2021) chama de apercepção, em detrimento da percepção. Nesse sentido, pretendemos analisar se a escrita pode se depreender de um fazer que envolve outro sentido de criatividade, não como algo da habilidade, mas como uma ação gerada a partir do estar vivo: um fazer por impulso, que prevalece sobre o fazer reativo.

3.2 Este Feminismo

O feminino é, muitas vezes, compreendido pelo viés da complementaridade, como um papel secundário ao masculino. Nesse sentido, convidamos o leitor a fazer uma leitura criativa de concepções já existentes em nossa sociedade, a partir do convite de Winnicott (1966/2021) de ver tudo como se fosse a primeira vez. Dessa forma, oferecemos ao feminino uma noção que o remete ao elemento criador. Em oposição à ideia de complemento do homem, a mulher é, em essência, um indivíduo que apenas é, isto é, no qual existe uma singularidade que precisa ser reconhecida, com vistas a fugir à lógica que toma o masculino como padrão. Simone Beauvoir (1949/2009), em *O segundo sexo*, assume que o homem possui uma definição bem específica, diferentemente da mulher. Por isso, ela sentencia que

A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ela; ela não é considerada um ser autônomo. “A mulher, o ser relativo...”, diz Michelet. E é por isso que Benda afirma em *Rapport d’Uriel*: “O corpo do homem tem um sentido em si, abstração feita do da mulher, ao passo que este parece destituído de significação se não se

evoca o macho... O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem”. Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro. (pp. 15–17)

É possível observar, a partir das considerações de Beauvoir, como a construção de aspectos femininos é sempre relativizada pela figura do homem; a escrita não foge a essa regra. Dessa forma, propomo-nos a questionar quantas dessas teorias podem ser tomadas como verdade universal, simplesmente por serem definidas por um homem. De acordo com Monique Wittig (1935/2003), escritora francesa, existe um fenômeno de universalização, por efeito do qual, na tradução de Guedes (2016),

A forma abstrata, o geral, o universal é o que significa o denominado sexo masculino, porque a classe dos homens se apropriou do universal. Devemos compreender que os homens não nascem com uma faculdade para o universal e as mulheres não estão reduzidas desde o seu nascimento, ao particular. Do universal, apropriaram-se desde sempre os homens, e continuam a fazê-lo. (pp. 2–3)

Nessa perspectiva, objetivamos destacar uma escrita que toma as rédeas da situação, uma escrita de sujeitos que fogem a essa regra totalizante e se apropriam de um fazer para simplesmente ser quem eles quiserem. Trata-se de uma retomada por parte das mulheres da liberdade de escolha. À vista disso, para nos ajudar em nosso percurso, contamos com a teoria winnicottiana, que destaca a mulher na relação da presença. Winnicott (1966/2019) constrói a concepção de uma mãe dedicada comum, conceito este de grande importância para a compreensão do amadurecimento saudável do indivíduo. Dentro dessa perspectiva, podemos destacar que o autor se propõe a tratar de temas que poderiam ser arriscados; talvez, um dos mais perigosos seja o tratado em *Este feminismo* (1964/2021), texto em que desenvolve um argumento sobre a mulher, rascunho de uma palestra em 1964, o que já era um avanço para época. Atualmente, desenvolver qualquer contraponto ao feminismo pode gerar diversas polêmicas. Assim, independentemente do tema que se quer tratar, quando se fala sobre assuntos relacionados a esse universo, temos que considerar as palavras de Branco (1991):

O feminino, de uma forma ou de outra, acaba por incomodar, por se fazer questão, por produzir polêmica. Ou por calar, por se fazer silêncio, por insistir, como num diálogo de surdos, a nada dizer que faça sentido. Ou, simplesmente: a nada dizer. E, ainda aí (ou especialmente aí), ele incomoda. (p. 17)

No entanto, diversas mulheres ousaram tomar para si esse incômodo, dentre elas, Simone Beauvoir. Escritora, filósofa e ativista política, ela desenvolveu uma ideia que girava em torno da célebre frase: “não se nasce mulher, torna-se mulher” — uma ideia muito similar à de Winnicott (1964/2021), para o qual homens e mulheres não são exatamente iguais, ainda

que cada mulher tenha um componente masculino e o homem, um feminino. É importante frisar que o objetivo de nosso trabalho é buscar evidenciar a escrita exclusivamente de mulheres, pois acreditamos que as diferenças entre os gêneros masculino e feminino são baseadas principalmente nas construções políticas desenvolvidas ao longo de séculos de cerceamento de mulheres, em favor da liberdade masculina.

Desse modo, segundo Hélène Cixous (1975/2007) e Luce Irigaray (1997), teóricas do feminismo da diferença, há um fazer feminino capaz de tomar posse de uma linguagem que é única da mulher. As autoras acreditam que essa linguagem pode ser desenvolvida a partir da capacidade de subverter a lógica falocêntrica, o que implica um corpo que tome posse de si, enquanto posição a se operar e também da qual se tem propriedade de falar. Dessa forma, temos uma nova possibilidade de articulação do feminino na arte e na cultura.

Nesse sentido, quando falamos do ato da mulher de tomar posse da linguagem, destacamos o que, para Roland Barthes (1994), é uma manifestação do poder que obriga o indivíduo a fazer escolhas para que possa se comunicar. Seguindo essa concepção, Wittig (1978/1980), em *O pensamento hétero*, atribui também à linguagem um movimento de transformação. Em suas palavras,

[...] a linguagem enquanto fenômeno tem dominado os sistemas teóricos modernos e as ciências sociais, e entrou nas discussões políticas dos movimentos de libertação das lésbicas e das mulheres. Tal fenômeno acontece porque a linguagem relaciona-se com um importante campo político onde o que está em jogo é o poder, ou, mais ainda, uma rede de poderes, uma vez que existe uma multiplicidade de linguagens que constantemente agem sobre a realidade social. (p. 1)

Assim, nessa retomada do poder, Luce Irigaray (1997), feminista e filósofa belga, apresenta-nos o que seria *parler femme*, ou falar (como) mulher. A autora constrói uma teoria baseada na metáfora dos lábios que se tocam mutuamente, de maneira que o falo não faria falta à mulher, pois, ao possuir lábios que se tocam, sejam estes vaginais ou bucais, não seria necessário uma intervenção de fora do corpo para o gozo da mulher. A própria presença desta é o que permite a experiência do gozo. Nesse sentido, ainda segundo Irigaray (1997), nas palavras de Souza e Pereira (2018),

[...] a mulher tem a sua entrada na ordem do simbólico de uma forma completamente diferente da que é tomada como padrão para homens (e não homens) pela psicanálise tradicional. Para a autora, a mulher não estabelece uma relação de ausência com o objeto (mãe) por meio de mecanismos como o do fort-da, de Sigmund Freud (1996), uma vez que ela e a mãe, ao compartilharem o corpo feminino, não se relacionam por intermédio da ausência, da fenda, mas, sim, segundo uma relação de presença. (p. 3)

Isto posto, compreendemos a teoria winnicottiana como um terreno fértil para construir outro olhar sobre a escrita de mulheres. Winnicott (1967/2021) enuncia: “espero não

incidir no erro de pensar que se pode avaliar um homem ou uma mulher sem levar em conta seu lugar na sociedade” (p. 21). Dessa maneira, precisamos compreender que existe a ideia de uma soberania masculina sobre o feminino. O homem torna-se o que Souza e Pereira (2018, p. 2) descrevem como “a medida de todas as coisas: um padrão ou norma a partir da qual a humanidade é reconhecida”.

Dessa maneira, é importante destacar que, apesar de grandes autoras, já em décadas passadas, tomarem para si e demonstrarem certa liberdade, ainda não podemos falar de uma extinção do domínio masculino sobre a mulher, afinal, ainda vivemos em uma sociedade que privilegia o homem enquanto provedor, aquele que detém o poder sobre toda a constituição familiar. Dessa maneira, estamos falando de um processo que culmina não somente no desenvolvimento de um discurso coercitivo, mas que também interfere diretamente sobre toda configuração política, econômica e social. Assim, é possível afirmar que não houve destituição da regência do que é nomeado como patriarcado. Segundo Dias e Matos (2023, p. 3), “como a dominação masculina, independentemente de laços biológicos paternos”, desenvolveu-se, de certa forma, o que compreendemos como uma condição feminina de “sujeição” e “subordinação”.

É preciso lembrar que nós, mulheres, não somos sujeitos livres e ainda temos muito por conquistar, principalmente na psicanálise, uma teoria na qual nos deparamos com contribuições masculinas que parecem ser privilegiadas nas construções de trabalhos que buscam uma definição de mulheres e também de sua escrita. À vista disso, o que temos é um tema ainda permeado, “nessa lógica, tradicionalmente a não homem, ou não toda, entendida por meio da sua relação de falta com a ‘figura central’: falta-lhe o pênis, metonímia do falo” (Souza & Pereira, 2018, p. 2).

Entretanto, não estamos buscando determinar certo e errado, mas trazer outra concepção para a escrita feminina, tendo como referência a linguagem, afinal, se esta é a principal característica que difere seres humanos de outros animais, afirmá-la como universal não seria, de alguma forma, desconsiderar os fatores subjetivos de um indivíduo? Assim, fugindo a essa regra universal, temos a escrita feminina baseada na diferença, em que há corpos a escrever, cuja autoria, apesar das semelhanças, insere, em sua criação, algo muito particular, ou seja, implica não somente algo do próprio sexo, mas, sim, a forma como o indivíduo se desenvolve em termos de amadurecimento pessoal, em meio a um contexto em que se busca “determinar”, “aprisionar” e “silenciar” o que é ser mulher.

Dessa forma, o feminino é diferença na medida em que resiste a pertencer à lógica da mesmidade². Irigaray (1985) acredita que mulheres tendem a se relacionar com o mundo de forma diferente dos homens desde a tenra idade, pois, a partir da socialização com outras mulheres, a criança já é inserida em uma linguagem que se difere dos padrões. Ainda segundo a autora, a segurança de estar entre semelhantes é o que gera uma linguagem denominada falar como mulher, um falar que, por si só, já é revolucionário, o que de alguma forma possibilita a esses sujeitos se libertarem das prisões, não somente em termos linguísticos, mas também culturais.

No entanto, para que esse gesto possibilite a desestabilização do poder masculino, não somente no imaginário dos sujeitos, mas em todo um cenário social feminino, é preciso, segundo Souza e Pereira (2018, p. 4), “que esse falar (como) mulher se transforme em outras manifestações semióticas, como a escrita, a pintura, a escultura, a performance, o teatro, a política, a educação, a economia”. Assim, quando falamos de uma escrita feminina baseada na diferença, estamos destacando que existe um gesto que coloca em xeque a dominação patriarcal, que busca exercer a liberdade de escolha, de forma que a mulher possa ser o que ela quiser. Nessa lógica, não podemos falar de uma escrita de margem, de uma impossibilidade, baseadas em concepções que privilegiam o falo quase como uma entidade em si, ordenadora da constituição de todos os sujeitos. A escrita de mulheres pode ser vista como exclusiva, pois, enquanto ela é entretenimento, ela também abre brechas em ideologias dominantes sem travar batalhas. Apenas por estar disponível, ela já está abrindo um espaço para a mulher ser.

Nessa perspectiva, a escritora Hélène Cixous (1975/2007) fala de uma escrita a recuperar corpos e linguagem. A autora se baseia principalmente na potência erótica sexual feminina, pois esta não pode ser aprisionada em concepções homogêneas, uniformes ou classificadas em código (Souza & Pereira, 2018). Assim, consiste em uma missão de retomada, por partes das mulheres, da nomeação do próprio prazer, ou seja, a mulher, como conhecedora de seu corpo, não pode se prender a uma lógica fálica que busca determinar seus modos de viver, sentir e escrever sobre seu prazer.

² A mesmidade é a lógica segundo a qual o homem é o padrão. A mulher e todos os outros seres humanos que não se enquadram no binarismo sexual homem/mulher e masculino/feminino são definidos a partir do homem, seja por aproximação ou distanciamento. A partir dessa definição do homem como figura central, justifica-se a posição hierárquica superior que ele tem em relação à mulher, o que torna esse sistema de significação essencialmente opressor e patriarcal (Souza & Pereira, 2018).

Dessa forma, compreendemos que, quando falamos da mulher, estamos falando de uma diferença que parece ter muito a dizer e, com isso, transborda, por isso se escreve. Nessa concepção, mesmo em meio aos ditames de uma sociedade que busca determinar os corpos femininos entre padrões patriarcais — a violência diária sofrida pelas mulheres —, existe uma certa apercepção criativa, um gesto que se desdobra em certas mulheres, na escrita e na leitura. Isso é o que concebemos como princípio esperança, o qual está principalmente demarcado pela criatividade em Winnicott.

3.3 Mas, antes, ser

A teoria do processo de amadurecimento pessoal do indivíduo, reconhecida como a espinha dorsal do trabalho teórico e clínico winnicottiano, tem como base concepções como a de que “todo indivíduo humano é dotado de uma tendência inata ao amadurecimento, ou dito de outro modo, à integração” (Dias, 2003, p. 13). Integração é, para Winnicott (1967/2021), a palavra-chave que engloba praticamente todas as tarefas do desenvolvimento e leva “o bebê a uma categoria unitária”, “ao pronome pessoal ‘eu’, ao número um: isso torna possível o *eu sou*, que dá sentido ao *eu faço*” (p. 30).

Assim, o termo *não integrado* é utilizado quando o bebê ainda “não tem uma ideia de si, por não haver ainda um si-mesmo do qual ele possa ter consciência” (Mendonça, 2008, p. 75). Dessa forma, para que o bebê se torne uma pessoa total, ou integrada, um ambiente facilitador é primordial, pois a importância do ambiente é tal que não podemos descrever o bebê sem descrever seu meio-ambiente. É a mãe adaptada ao bebê que vai contribuir para o processo de amadurecimento saudável do infante, e contribuir no sentido de alcançar amaturidade, que, em Winnicott (1988/1990), é sinônimo de saúde. O autor descreve que “o serhumano saudável é emocionalmente maduro tendo em vista a sua idade no momento. A maturidade envolve gradualmente o ser humano em uma relação de responsabilidade paracom o ambiente” (p. 30).

As tarefas de um ambiente facilitador ou de uma maternagem suficientemente boa³ compreendem outras tarefas essenciais: 1) *holding*, entendido como sustentação e integração no tempo e no espaço; 2) *handling*, o manuseio e a personalização; e 3) relações objetais,

³ “Este desenvolvimento se dá por causa das experiências que o bebê tem do comportamento adaptativo da mãe (ou substituto materno). O comportamento adaptativo da mãe torna possível ao bebê encontrar fora do *Self* aquilo que é necessário e esperado. Através da experiência da maternagem suficientemente boa, o bebê passa para a percepção objetiva, havendo herdado a tendência a fazer isso e tendo-lhe sido dados a aparelhagem perceptual e a oportunidade” (Winnicott, 1969/1994, p. 197).

equivalentes à apresentação de objetos e ao relacionamento com eles. Tais objetos se referem aos outros seres humanos e às coisas que estão no mundo — uma pessoa total relacionando-se com outras pessoas totais (Winnicott, 1962/2022).

Para uma melhor compreensão da dimensão do que Winnicott chamou de *holding*, podemos associá-lo ao conceito de sustentação ou mesmo ao segurar “físico ainda na vida intrauterina e que gradualmente vai ampliando o seu alcance” (p. 29), englobando aspectos como o amparo e a segurança do “colo” físico, bem como a sustentação emocional. Assim, o ambiente dedicado às necessidades do infante compreende um “segurar” que não se fixa apenas na relação da mãe com o bebê, mas envolve toda família e o grupo social no qual o bebê está inserido. Nesse sentido, pode ser demandado o trabalho de uma rede de apoio familiar: enquanto alguém acompanha o bebê em sua integralidade, existe um outro familiar que ocupa a posição de apoio. Dessa forma, é importante compreender que o ambiente precisa proporcionar um ego auxiliar para o infante, fazendo com que ele tenha a capacidade de se relacionar com objetos subjetivos. Isso faz com que o bebê, de tempos em tempos, chegue ao princípio da realidade. Contudo, nunca em toda parte e de uma só vez⁴.

Segundo Medeiros e Aiello-Vaisbergh (2014), o *holding* se configura como um momento muito importante para o bebê logo após o nascimento, que se resume em

Sustentação física e psicológica do bebê, alcançada pela devoção sensível da mãe suficientemente boa que atende as necessidades da criança através de sua presença viva, confiável e pontual e que teria como consequências naturais as experiências de ilusão, continuidade de ser e o desenrolar de movimentos integrativos. (p. 52)

O *handling* está relacionado ao cuidado e à construção do vínculo entre mãe e bebê em momentos de troca de roupas e no banho, integrando as experiências de poder tocar diversas partes do corpo da criança de forma cuidadosa e amorosa, formando uma parceria psicossomática entre ela e a figura materna (Winnicott, 1962/2022). É essa parceria que favorece a personalização do infante, ou seja, o alojamento da psique no corpo.

Winnicott (1962/2022) observou em alguns de seus atendimentos que a falta de contato com o corpo poderia acarretar certos tipos de problemas psicológicos, pois, segundo o autor, “sem um manejo ativo e adaptativo suficientemente bons, a tarefa interna visando ao estabelecimento adequado do desenvolvimento de uma inter-relação psicossomática pode mostrar-se difícil ou mesmo impossível” (p. 78).

Winnicott sempre demonstrou um grande interesse em compreender o vínculo precoce construído entre mãe e bebê. O resultado está em um dos aspectos mais interessantes de sua

⁴ O bebê mantém áreas de objetos subjetivos juntamente com outras em que há um relacionamento com objetos percebidos objetivamente, ou objetos não-*eu* (Winnicott, 1962/2002).

teoria, que contribui de maneira muito rica para o tema de nosso trabalho, que é a experiência da *ilusão*. Dessa forma, é por meio da identificação profunda com as necessidades do infante que a mãe entrega a este seu objeto de desejo, no exato momento em que ele precisa. O bebê, então, *cria* algo que já existe, embora compreenda como sua criação.

A disponibilidade de pronta satisfação faz com que, na saída da matriz mãe-bebê, o infante seja capaz de ter uma breve experiência de onipotência: a ilusão de que o que ele deseja, ele encontra facilmente em sua realidade. A experiência do bebê de que é ele que cria o seio é fundamental para as raízes da autoestima e da espontaneidade e, principalmente, para a criatividade. É preciso destacar que a ilusão é um conceito distinto da alucinação, em que o objeto externo não existe (Outeiral, 2010). Nesse sentido, Winnicott (1975/2019) enuncia: “dedico-me, dessa forma, ao estudo da substância da ilusão, que é permitida ao bebê, que na vida real é inerente à arte e à religião” (p. 16).

É importante salientar a imprevisibilidade desse acontecimento. A ilusão é um instante não manipulável, de maneira que não pode ser direcionado pela mãe, ocorrendo quando a excitação do bebê e o suprimento ambiental coincidem. Assim, deparamo-nos com o início da realidade externa para o bebê, denominado como a primeira mamada teórica por Winnicott (1988/1990) e também considerado um marco decisivo para o movimento criativo, por ser uma experiência que propicia o sentimento de sentir-se real. O autor afirma que,

Após a primeira mamada teórica, o bebê começa a ter material com o qual criar. É possível dizer que aos poucos o bebê se torna capaz de alucinar o mamilo no momento em que a mãe está pronta para oferecê-lo. As memórias são construídas a partir de inúmeras impressões sensoriais, associadas à atividade da amamentação e ao encontro do objeto. No decorrer do tempo surge um estado no qual o bebê sente confiança em que o objeto do desejo pode ser encontrado, e isto significa que o bebê gradualmente passa a tolerar a ausência do objeto. (p. 126)

O surgimento de um senso de realidade só é possível por meio dessa experiência de ilusão, que, por sua vez, é construída através de sucessivas experiências, ou seja, através das memórias de repetidas mamadas. Desse modo, gradativamente a mãe vai diminuindo essa adaptação identificada às necessidades do bebê, mas também, de forma simultânea, ele já compreende recursos para ser criativo e lidar com possíveis mudanças no ambiente. Assim, é constituído o que Winnicott (1988/1990) chama de *pontes de continuidade do ser*. O autor acredita que o bebê, antes mesmo de vir a termo, já sofre ameaças na continuação de seu ser, as quais podem ser representadas principalmente por alterações de pressão intrauterina e extrauterina. No entanto, “o bebê já alcançou em grau suficiente a capacidade de construir pontes sobre os abismos da continuidade do ser, que as reações contra a intrusão representam” (Winnicott, 1988/1990, p. 165).

Assim, seguindo o processo de amadurecimento saudável do indivíduo, se tudo correr bem, chega-se na realização ou apresentação de objetos, o que só pode advir mediante a criação de um laço simbiótico entre mãe e bebê. Dessa forma, a preocupação materna primária, também reconhecida como a fase em que a mãe se encontra “adoecida sadiamente”, a figura materna e o infante “criam” um espaço paradoxal, ou terceiro espaço, um lugar de criatividade que Winnicott acredita ser também o espaço dos objetos e dos fenômenos transicionais⁵ que promovem as primeiras experiências não-*eu*, pois ainda não existe uma percepção do outro, somente de um não-*eu* (Outeiral, 2010).

Portanto, é a partir do sentimento de continuidade do ser que o bebê pode alcançar o estágio do *eu sou*. Winnicott (1975/2022) assinala que a diferenciação entre o *eu* e o outro e o sentimento de unidade do *eu* são fundamentais para a saúde e o desenvolvimento emocional de um indivíduo, representando uma conquista do *self* e do sentimento de realidade. Assim, “sentir-se real é mais do que existir; é encontrar um modo de viver como si mesmo, de se relacionar com objetos como si mesmo e de ter um *self* para onde fugir em busca de relaxamento” (Winnicott, 1975/2019, p. 18).

Acreditamos que, muito mais do que um senso de existir, viver criativamente é sinônimo de saúde e demonstra uma capacidade que não envolve habilidades manuais ou inspirativas, mas, sim, o modo como o sujeito olha para os momentos de dificuldade com um novo olhar, não de uma forma submissa, mas de uma maneira autônoma. Dessa forma, a partir da ideia assinalada por Winnicott, se tudo correr bem, acreditamos que passe a existir, especialmente na mulher, uma força que a leva a não se submeter; mesmo vivendo em uma realidade adoecedora, ela busca formas de ter sua liberdade de escolha. Nessa perspectiva, supomos que existiria um princípio esperança feminino, baseado principalmente na percepção criativa de Winnicott, a partir do ser, fazer.

4 PRINCÍPIO ESPERANÇA E CRIATIVIDADE: No Fim, Está o Meu Começo

É notório que, atualmente, as mulheres vivem em um contexto social adverso, no qual existem discursos que buscam minorizar ou cercear o que é produzido por elas. Contudo, acreditamos que, em meio a todas as dificuldades de ser mulher em nossa sociedade, exista

⁵ “Introduzi os termos ‘objetos transicionais’ e ‘fenômenos transicionais’ para designar a área intermediária de experiência, entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a projeção do que já foi introjetado, entre o desconhecimento inicial da dívida e o reconhecimento da dívida (“Diga: ‘Bigadu’”)” (Winnicott, 1975/2019, p. 14).

um fenômeno ao qual atribuímos a ideia de princípio esperança, baseado no conceito de Ernst Bloch (1954/2005). Esse princípio é concebido como aquilo que impulsiona o sujeito a compreender momentos difíceis de sua vida como um ponto de passagem, não de permanência. Nessa compreensão, tensionando um diálogo entre Winnicott e Bloch, propomos analisar esse princípio como um impulso que não pode ser compreendido de forma isolada, por estar em consonância com expressões winnicottianas entre a criatividade e a apercepção.

A criatividade não é um tema inédito para a psicanálise, tampouco para as mais diversas áreas das ciências humanas, dentre elas, as artes, a filosofia e a antropologia. Contudo, observa-se uma tendência em abordar a criatividade como decorrente do funcionamento psíquico. Indo contra a corrente, a teoria winnicottiana vem realocar a criatividade como um aspecto fundamental da condição humana, “cuja realização [é] originará, eventualmente, o próprio funcionamento psíquico” (Safrá, 2016, p. 13). A realização criativa do bebê, nesse sentido, seria a base para o emergir do funcionamento psíquico, principalmente para a constituição de si mesmo.

Nesse sentido, acreditamos que a criatividade também seja um fator essencial do que compreendemos como princípio esperança, conceito este extraído da teoria de Bloch (1885–1977), filósofo marxista alemão que construiu, em três volumes, um conteúdo denso na tentativa de aproximar a filosofia de “um lugar do mundo tão habitado quanto as terras mais cultivadas e tão inexplorado quanto a Antártida” (Machado, 2008, p. 206). Esse lugar, para Bloch, seria a esperança.

Dessa forma, buscamos nos aproximar da escrita de mulheres desse lugar habitável, mas inexplorado, a partir da proposição de que a criatividade está diretamente ligada ao princípio esperança. No entanto, não buscamos aproximações acirradas entre os autores, e sim trabalhar com aquilo que Phillips (1988/2020) atribui a Winnicott *roubos de ideias*. Assim, recolhemos aqui e ali, um pouco em Bloch (1954/2005), um pouco em Velano (2020) e muito em Winnicott, com o ensejo de colocar a teoria à prova, em movimentos de escrita de mulheres. É importante lembrar que o roubo tem uma proposição diferente na teoria winnicottiana daquilo que pode ser compreendido como delinquência. O autor o chama de tendência antissocial, teoria na qual ele sugere que “a criança rouba de uma forma simbólica somente aquilo que uma vez pertenceu a ela por direito” (Phillips, 1988/2020, p. 40).

Os artigos construídos por Winnicott demonstram toda a apreensão criativa de sua vida enquanto escritor, partindo desse processo de retorno às lacunas dentro de si, de um retorno para descobrir “de onde é que veio aquilo que ele não tem”. No princípio esperança de

Bloch (1954/2005), a ideia de descoberta aparece na diferenciação do que, para o autor, seria o inventar: o sujeito descobre em algo que já existe um esperar, que é um caminho para encontrar o que até então lhe era desconhecido, de maneira que os valores de uma vida anterior são modificados; “o descobrir definitivamente visa e é capaz de transformar” (p.301). Dessa forma, a descoberta é diferente de uma mera observação. Contudo, também não é invenção, pois, na concepção do autor, inventar é interferir e modificar o objeto (Machado, 2008). Trata-se de uma concepção muito similar ao que Winnicott compreende no conceito de ilusão. Velano (2020), em sua tese *Razão onírica, razão lúdica: perspectivas do brincar em Freud, Klein e Winnicott*, compreende a ilusão como princípio esperança. A autora assinala, na introdução de seu trabalho, que

Estive fascinada pela ilusão, promovida pelo brincar, de que só ele e mediada por ele eu teria um acesso, paradoxalmente, ao disco rígido da realidade. Nunca soube explicar por que, de repente, o mundo se tornava mais real e menos ameaçador, ao mesmo tempo, depois de brincar. (p. 11)

A importância da ilusão se apresenta de forma paradoxal, ao ser compreendida como via de acesso à realidade ou descrita como a primeira forma psíquica de ligação com o objeto, em que encontrar o seio leva o bebê a encontrar a si mesmo, o que conduz a uma experiência pessoal do *self*. Ainda segundo a ideia de Velano (2020, p. 193), enquanto um princípio esperança nos terrenos de uma ilusão, eles podem ser compreendidos pela concepção de que a criança agarra o que tem em mente (Bloch, 1954/2005) — uma perspectiva que, pela criatividade, emerge do que Winnicott (1966/2021) acreditava ser “próprio do estar vivo: a não ser que esteja em estado de repouso, a pessoa está sempre tentando alcançar algo, de maneira que, se houver um objeto no caminho pode haver um relacionamento” (p. 46).

Winnicott (1965/1994), ao falar sobre a origem do pensamento infantil, presume que, mesmo antes do nascimento, as sensações corporais são registradas da mesma forma que foram experienciadas. Essa experiência corporal seria um registro que precede à palavra. Assim, para o autor, no desenvolvimento saudável, o pensamento faz parte de um impulso criativo cuja origem está na elaboração imaginativa das sensações que são experienciadas corporalmente, as quais, no entanto, são dependentes de um ambiente. Conforme o autor,

[...] o pensar vem a existir como um aspecto da imaginação criativa; ele serve à sobrevivência da experiência de onipotência e é um ingrediente da integração. Alguns bebês especializam-se no pensar e buscam palavras; outros especializam-se na imaginação criativa do tipo alucinatório; estes últimos podem não buscar palavras. Não se discute se um é normal e o outro anormal. (Winnicott, 1965/1994, p. 121)

Dessa forma, a ideia de agarrar o que se tem em mente desprende-se da concepção criativa do sujeito, concepção está de elaborar sempre uma linha de continuidade do ser — essa noção de que estamos sempre em busca de alcançar algo, não como um desejo que não cessa, mas no intuito de que somos sempre interpelados a continuar. Assim, esta seria uma forma de a esperança se apresentar. Nas palavras de Rocha (2007, p. 260), “a esperança é o que, em última análise, anima e impele a nossa alma peregrina, que constantemente nos faz ir adiante, impulsionando o nosso ser a caminhar pela simples alegria de caminhar e desbravar horizontes”.

Nosso intuito de aproximar o princípio esperança da ideia de mulheres e escrita parte da compreensão de que a apercepção criativa, isto é, o “fato de alguém ver tudo como se fosse a primeira vez” (Winnicott, 1966/2021, p. 46), estaria entre o que a teoria winnicottiana denomina uma vida que vale a pena ser vivida e os sonhos de uma vida melhor de Bloch (1954/2005). Isto posto, é preciso destacar que nossa interpretação parte de um desenvolvimento saudável amparado no ambiente suficientemente bom oferecido ao sujeito. Creditamos às mulheres, em especial, um colorido frente à vida, devido aos múltiplos exemplos de virada de posição desses sujeitos que todos os dias enfrentam um desafio em diversos âmbitos de sua existência. Compreendemos nas mulheres as nuances de diversas Marias, conforme a música de Fernando Brant e Milton Nascimento (1978):

Maria, Maria é um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta

Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania de ter fé na vida
(Brant & Nascimento, 1978, lado 2, faixa 8)

Essa mania de ter fé na vida se apresenta em Bloch (1954/2005) nos momentos que experienciamos o que o autor nomeia de “obscuridade do instante vivido”, momentos estes em que somos inundados por uma névoa de afetos indefinidos, angústias e tédios; seria a luta que o ser humano enfrenta perante a dúvida de o que será do amanhã. Contudo, essa névoa se esvai na medida que o indivíduo consegue vislumbrar uma vida que pode ser diferente do que é. Nesse sentido, o autor destaca que não seria uma mera ideação, mas um fazer, um concentrar-se em uma meta, “um querer fazer” que transforma a mera imaginação em um ideal de que “assim deveria ser” (p. 50). Assim, o princípio esperança se baseia nos sonhos de uma vida melhor. Segundo Rocha (2007), a esperança se configura como

[...] “a paixão do possível”, pois, no conceito de possível: de um lado, descortina-se a vastidão dos horizontes imensos e indeterminados (no possível tudo é possível); e, de outro lado, destacam-se a falta de segurança e a incerteza que o conceito sempre sugere, pois, no possível, nada é impossível. (p. 261)

Nessa esperança, a paixão do possível somente pode ser empreendida pela criatividade, conforme a proposta da teoria winnicottiana. Guyomard (2009), citado por Fulgencio (2011, p. 45), descreve que, em Winnicott, a criatividade “dá uma coloração a toda atitude diante da realidade exterior; uma coloração de cores, e também de contrastes, uma diversidade”. Assim, pensamos na escrita de mulheres como um fazer que emerge de um ser na perspectiva da criatividade. Pode-se observar que as construções de Winnicott estavam sempre interligados na capacidade do sujeito e em sua existência, tal como ele nos mostra com o conceito de *gesto espontâneo*⁶ enquanto expressão de ação do verdadeiro *self*. Podemos considerá-lo um impulso motor que demonstra uma ação do bebê sobre o mundo, em que aquele revela algo do estar vivo.

Nessa perspectiva, a ideia de ser integrado compreende que uma pessoa precisa existir e ter o sentido de existência, pois a atividade criativa é o fazer gerado a partir do *ser* — uma indicação clara de que a pessoa está viva, mas não uma existência baseada nas reações, e sim nos estímulos. Nesse sentido, propomos a escrita de mulheres como um fazer por impulso; falamos de uma vivência saudável, diferentemente da ideia de uma escrita (fazer-reativo) que denota uma vivência adaptativa, quando falamos do gesto de um falso *self*. Contudo, é preciso elucidar que, antes de fazer, é preciso ser. Precisamos, dessa forma, destacar o ambiente e a criatividade descritos pelo autor, que remetem à manutenção, ao longo da vida, de algo que o sujeito experienciou ainda bebê: a capacidade de criar o mundo (Winnicott, 1966/2021).

A capacidade de criação é construída através do relacionamento adaptativo entre mãe e bebê, de tal forma que este não percebe que o mundo já estava lá, antes mesmo de sua existência ter sido concebida. Estaria em voga o princípio da realidade, ou seja, o fato de que o mundo já existe, independentemente de o bebê tê-lo criado ou não. O princípio da realidade é considerado uma lesão, que pode ser absorvida segundo um processo de crescimento complexo, com determinações genéticas e interações do crescimento de forma individual, de cada pessoa dentro de um ambiente facilitador, dependendo muito do ponto a que uma pessoa conseguiu chegar em seu desenvolvimento emocional — mais ainda, quantas oportunidades

⁶ O gesto espontâneo ou a criatividade originária de Winnicott é o que expressa o verdadeiro *self*. O verdadeiro *self* é a experiência de sentir-se real, de continuidade do existir. É o que dá sentido de realidade ao *self*. O ser humano conta com um potencial inato em direção ao amadurecimento, que necessita de um ambiente facilitador para se realizar. Esse potencial herdado é o que Winnicott vai chamar de *self* verdadeiro (Passos-Ferreira, 2014).

foram ofertadas durante o crescimento do infante. Assim, de uma forma construtiva, o bebê estaria capacitado para ver tudo como se fosse a primeira vez, ou seja, ser criativo em cada detalhe do viver. Ao viver, Bloch (1954/2005) diz, sobre o que ele denomina como vida plena, que

[...] à vontade última é a de estar verdadeiramente presente. De tal modo que o instante vivido pertencesse a nós e nós a ele e fosse possível dizer a ele: Dure eternamente! O ser humano quer finalmente estar no aqui no agora sendo ele mesmo, sem adiamento nem distância para entrar na sua vida plena. (p. 26)

É preciso lembrar que, para Winnicott, o *ser* tem que se desenvolver antes do fazer, de maneira que o infante consiga dominar até mesmo seus instintos sem perder sua originalidade — o seu *self*. Isso aconteceria de forma que nossa própria capacidade nos surpreenderia e nos tornaria preparados a acreditar em nós mesmos, segundo o texto *Vivendo criativamente*: “isso envolve preservar algo de pessoal, talvez algo de secreto, que é inconfundivelmente a você mesmo” (Winnicott, 1966/2021, p. 48). O viver criativo, é um lugar do qual operar, um lugar que não necessita de nenhum talento específico em especial, que descende de uma necessidade universal. Conforme analisado pelo autor,

Uma experiência universal, e mesmo os esquizofrênicos retraídos e aprisionados ao leito podem estar vivendo criativamente uma atividade mental secreta, e, portanto, em certo sentido, feliz. Infelizes somos você e eu que, em certa fase, estamos conscientes da falta daquilo que é essencial ao ser humano, que é muito mais importante do que comer ou do que asobrevivência física. Se tivéssemos tempo, poderíamos tratar aqui da ansiedade, impulso que subjaz ao tipo artístico de criatividade. (p. 49)

Ninguém precisa se equiparar a ninguém para ser criativo, tanto que, na psicanálise winnicottiana, chega-se a afirmar que não existe nada que não possa ser feito criativamente, se o indivíduo tiver essa capacidade. Não importa que as formas de escrita não sejam da grandiosidade de um Shakespeare ou de uma Jane Austen; para chegar até o patamar desses grandes autores, é necessário seguir seu próprio jeito de ser, ou seja, o mais importante é a originalidade.

Nessa perspectiva, assenhoramo-nos do princípio esperança para destacar uma escrita que emerge de mulheres mediante o cenário coercitivo que se apresenta em nossa sociedade sob o império masculino. A autoria seria uma forma de burlar as regras que são criadas por poucos. Dessa forma, a mulher descobre, através da escrita, uma maneira de esperar por dias melhores, de forma a não se estagnar, e sim caminhar em direção a uma liberdade que lhe foi privada há vários séculos de existência. Contudo, é importante delinear que a escrita é apenas um passo para quebrar grilhões impostos desde que a humanidade existe, ou seja, é preciso diversos gestos que vão além das palavras. Porém, acreditamos que esse já é um começo. Essa

possibilidade pode apresentar o poder imaginativo do sujeito para contornar situações de angústia, isto é, “uma capacidade de sonhar, para frente, uma aposta no porvir” (Velano, 2023, p. 249).

No entanto, precisamos compreender também que a escrita não envolve somente o viés criativo e a expressão do verdadeiro *self*. Precisamos reconhecer que, entre as flores, existe um espinho e que, em detrimento da esperança, existe também uma desesperança.

5 PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DE FLORES

Se escrever não é uma saída, então o que é? (Plath, 2004, p. 462)

A escrita, principalmente a de mulheres, parece ser sempre destacada pela visão de uma aproximação de um gênero com o trágico. Assim, em meio aos estudos de uma possível função e eficácia da escrita, deparamo-nos com histórias de algumas autoras que parecem determinar um embaralhamento enigmático entre escrita e suicídio. Dentre essas autoras, destacamos Virginia Woolf (1882–1941). A escritora e ensaísta inglesa foi uma grande inspiração para alcançar a liberdade e a escrita enquanto um ofício também feminino. Contudo, foi buscando compreender a escrita pelo viés psicanalítico que nos deparamos com a história de Sylvia Plath, romancista e contista americana reconhecida por dar voz às angústias de mulheres em meados do século XX. No entanto, apesar de existirem algumas pequenas diferenças entre as histórias de ambas as autoras, alguns aspectos se convergem no que conhecemos como cânone sinistro de escritoras suicidas.

Plath (1932–1963), em seus diários, descreve o que seria a escrita como uma salvação ou um remédio para os momentos depressivos. Contudo, mesmo vislumbrando a autoria como um processo terapêutico, a autora se viu muitas vezes sugada pelo que Carvalho (2003) nomeia toxidez da escrita. Nesse sentido, apesar de diversos trabalhos trazerem o lado deletério, observamos, após uma rápida pesquisa na base de artigos do *Google Acadêmico*, que parece existir um diagnóstico universalizado ao utilizarmos descritores como *Sylvia Plath*, *Virginia Woolf* e *escrita* associados ao termo *psicanálise*. Dessa forma, obtivemos, como resultado, títulos que sublinhavam palavras como *suicídio*, *psicose*, *máscaras*, *confusão*, *sofrimento*, *solidão* e *excesso*. Esses foram apenas alguns dos adjetivos destacados nos títulos dos resultados encontrados.

No entanto, é preciso fazer uma pesquisa mais “elaborada” quando o assunto é associar ou até mesmo encontrar quaisquer trabalhos sobre escritores masculinos que também

se suicidaram. Apesar do quão complexos e alarmantes são os altos índices de escritoras mulheres que, em período de alta fruição autoral, se suicidaram, compreendemos também que é preciso cuidado ao analisarmos uma obra pela vida do autor, pois a questão de como a morte ocorreu parece ter nublado um pouco do grande trabalho construído. É importante reconhecer que as escritoras são perpassadas por questionamentos que, muitas vezes, apenas uma profissional mulher passaria. Exemplo disso é quando Plath (2004) chega a se questionar: “Será que algum dia reconhecerão meu valor, sem ser pelos motivos errados?” (p. 568).

Existem alguns trabalhos muito ricos em análises sobre a função, os limites e a eficácia da escrita, dentre os quais pode-se destacar o livro *A poética do suicídio em Sylvia Plath* (2003/2023), de Ana Cecília de Carvalho, obra em que a autora analisa alguns poemas da romancista britânica relacionando criação literária e experiências vivenciadas por Plath em seu dia-a-dia como esposa, mãe e mulher. Para Carvalho, existe um silenciamento na escrita que faz com que o autor não fale, mas se cale diante do que está lhe afligindo. Diversos nomes de peso corroboram para um prognóstico tóxico da criação literária: Virginia Woolf, Anne Sexton e Ana Cristina César, dentre outros grandes nomes da literatura feminina, formam o denominado sinistro cânone de escritoras suicidas. Apesar da pouca similaridade subjetiva entre elas, alguns aspectos coincidem, fazendo com que a ligação entre criação literária e autoexterminio seja alvo de estudos e investigações.

É importante salientar que o objetivo da autora Ana Cecília Carvalho não é traçar um perfil de autoras suicidas, nem associar isso especificamente à escrita, mas, sim, exemplificar um certo “modelo de autoria” que segue a escrita de experiências difíceis transformadas em textos. Nesse sentido, Carvalho (2003/2023) assinala que,

Sé é verdade que o suicídio do escritor parece colocar em questão a função da escrita, ao amarrar em um nó aparentemente indissociável a experiência vivida, morte e a criação literária, é preciso reconhecer que existem limites no trabalho de transformação operado entre os vários registros de captação de uma experiência. (p. 22)

Muitos autores, como Woolf e a própria Plath, contemplavam na escrita definições que demonstram uma certa finalidade salvadora. Possivelmente, essas afirmações levaram diversos pesquisadores a observarem a escrita enquanto uma ação estabilizadora temporária, uma solução precária, atuando muito mais como apaziguamento sutil ou suplência do real problema, pois a escrita não foi o suficiente para que essas autoras, mesmo em alta produção de escrita, evitassem a passagem ao ato. Seguindo uma vertente da psicanálise lacaniana, Ferreira e Ferrari (2017) especulam a escrita de Woolf como uma busca de respostas sobre o próprio ser. Segundo elas, Woolf, “quanto mais avançava, freneticamente, nessa procura, mais

recaía sobre ela o objeto perdido, que jamais poderia ser reencontrado, ou a palavra que jamais poderia ser encontrada”. Para as autoras, nesse caso, temos uma hemorragia que não se estanca pela via da escrita.

Do mesmo modo, podemos retomar os trabalhos de Carvalho (2010), que relembra alguns poemas de Sylvia Plath escritos quatro dias antes de sua morte. Frases como “o jato de sangue é a poesia e não há nada que o detenha” são destacadas para demonstrar que existe algo mortífero no uso da escrita. Dessa forma, exemplos como os das autoras Woolf e Plath demonstram que, mesmo em diferentes épocas e em situações distintas, a criação literária como solução muitas vezes serve de camuflagem e pode se tornar perigosa.

6 DESCONTINUIDADE E DESESPERANÇA

Acreditamos que um dos motivos que levaram à elaboração de tantos trabalhos que visam a compreender o viés nocivo da escrita é a curiosidade normal do ser humano perante a morte, considerada por muitas pessoas como a única certeza que temos em nossa existência. Assim, algo que poderia nos levar mais próximo desse destino pode provocar sentimentos de angústia e inquietação. Nesse sentido, podemos até mesmo compreender o que Winnicott afirma sobre ser muito mais difícil ocupar-se da saúde do que da doença.

A teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott nos apresenta o seguinte cenário: “para que tudo corra bem”, o mundo é apresentado ao bebê em doses homeopáticas; a presença de um ambiente suficientemente bom resguardou o suprimimento da experiência de onipotência e constitui, assim, o alicerce apropriado para que o sujeito entre em acordo com o princípio da realidade. Nesse processo, teríamos ainda o movimento de ilusão-desilusão, em que a mãe passa a diminuir esse movimento adaptativo, segundo a capacidade crescente do bebê de lidar com o fracasso do ambiente. No entanto, a criança conserva a onipotência, sob o pretexto de ser criativa e de ter uma visão pessoal, de forma que ela passa a ter recursos para lidar com as mudanças no ambiente. Entretanto, qual seria o cenário quando algo não vai bem nesse processo de desenvolvimento? Nessa perspectiva, precisamos salientar que, apesar de objetarmos a ideia de um diagnóstico do que poderia ou não ter acontecido com as autoras que compõem o sinistro cânone suicida, compreendemos que não é possível deixar de abordar a descontinuidade do ser e a desesperança.

Safra (2016) afirma que, ao perder a esperança, o ser humano perde a capacidade de sofrer, o que, da mesma forma, implica na perda da principal característica que o torna humano. Muito do que o autor elabora em seu artigo *Implicações do conceito de criatividade*

para a situação clínica é baseado nas ideias de Winnicott, que parte de uma visão antropológica da criatividade, quando esta é concebida como o elemento mais fundamental da condição humana. Para a teoria winnicottiana, o indivíduo viveria na fronteira entre o ser e o não-ser; por isso, temos uma forma mais específica de determinar a angústia, em que o sofrimento humano seria cair no não-ser. Winnicott (1999), citado por Safra (2016), concebe que “o suicídio poderia aparecer como ação defensiva pelo fato de o indivíduo não ter tido a experiência de ser. Mais terrível do que morrer é não ter tido a experiência de ser” (p. 15).

Deparamo-nos com o que, para Winnicott, compreende uma das problemáticas mais originárias do indivíduo, que não é a morte, e sim o não-ser. Longe de analisar a escrita de Sylvia Plath, mas, nas palavras de seu poema, parece existir um momento em que a morte vira uma saída, uma maneira de se reconstruir. “Morrer é uma arte, como tudo o mais. Nisso sou excepcional”, diz a autora em *Lady Lazarus*. Isto posto, podemos compreender que poderia ser apenas uma construção em alusão ao personagem bíblico ressuscitado por Jesus, mas é notório como a depressão vivida por Sylvia muitas vezes aparecia em seus diários.

Sylvia Plath teria tentado suicídio algumas vezes antes de sua morte. Nesse sentido, Del Matto Faria (2003) concebe o que ele nomeou de uma teoria winnicottiana do suicídio, uma teoria que parece destrinchar o que possivelmente Sylvia queria passar em seu poema: uma busca por reconstruir-se. Ainda no poema *Lady Lazarus*, a autora descreve: “Em muito breve a carne que a caverna carcomeu vai estar em casa”.

Ainda que em suas palavras transparecessem uma esperança, esta é uma ação que parece muitas vezes concebida pela égide de um falso *self* que está em busca de condições para que o verdadeiro *self* possa emergir. Dessa forma, a saída que muitos autores encontram é construir uma vida secreta na qual conseguem, de alguma forma, ter uma sensação de existência, sentir-se real. Nesse sentido, a esperança na presença de um falso *self* agiria na forma de uma ação defensiva descrita pela psicanalista grega Anna Potamianou (1992), parafraseada por Figueiredo (2002, p. 166), como “a esperança [que] cria uma defesa contra a queda no nada (nada do objeto, da relação e do *self*)”. Porém, essa esperança cria uma emergência, pois, em sujeitos que estão marcados pela desesperança, ela gera angústia. Conforme Rocha (2007, p. 270),

A angústia provocada pela desesperança é aterrorizadora porque está impregnada pela ameaça da destruição e da morte. Ela se manifesta clinicamente “nas passagens a ato”, na “fúria dos pacientes narcisistas”, nas “atuações encenadas dos esquizóides”, nas “reparações exaltadas dos maníacos”, ela também pode caracterizar, fora do quadro psicopatológico, “uma posição de indiferença e de egoísmo” ou de “insensibilidade ao sofrimento alheio”.

Isto posto, em sujeitos cujo desenvolvimento saudável não ocorreu bem, cada vez que eles precisarem se submeter ou respeitar às demandas da realidade compartilhada, serão atingidos em sua essência, ou seja, na busca por uma realização de ser. À vista disso, por essas experiências que não conseguiram ser inteiras, o resultado seria uma enorme angústia noster humano. Assim, é importante ressaltar o que Del Matto Faria (2003) concebe como a teoria winnicottiana do suicídio:

Em tais situações, em que existe a percepção de que algo se perde a cada instante, numa vida que ainda não se tornou vida, o ser permanece suspenso sobre o abismo do aniquilamento, na expectativa de que o falso si-mesmo cumpra sua função de possibilitar a emergência do verdadeiro si-mesmo. Quando as condições para a emergência do verdadeiro si-mesmo não ocorrem, nos dirá Winnicott, podem se organizar novas defesas contra a sua expoliação e, se houver dúvida, o resultado poderá ser o suicídio. Essa solução extrema guarda, entretanto, e ainda, um gesto de esperança: o suicídio poderá ser o último, e talvez o único gesto espontâneo, numa tentativa de evitar o aniquilamento do si-mesmo verdadeiro. Se esta for a única solução encontrada, pelo fato de não haver mais alternativas à traição do si-mesmo, será o falso si-mesmo que organizará e consumará o suicídio. (pp. 25–26)

Não é possível afirmar com exatidão que a vida e a obra de Woolf e Plath são definidas pelo suicídio, mas é notório como, a partir de suas mortes, cada ínfimo detalhe de sua existência foi destrinchado. Para Woolf, segundo Lemasson, “é absolutamente preciso erguer um muro entre o livro e a autora” (2011, p. 18), um pedido que logicamente não foi acatado. O impacto da morte nos parece mais forte do que a obra deixada pelas autoras. É o que Winnicott (1975/2019) também descreve ao analisar *Hamlet*, de Shakespeare: “é possível dizer que o mesmo dilema no próprio Shakespeare revela o problema por trás do conteúdo de seus sonetos. Mas isso seria ignorar, ou mesmo afrontar, a principal característica deles: sua poesia.” (p. 138).

Nesse sentido, é importante destacar o ambiente provido tanto a Woolf quanto a Plath na infância. A relação das autoras com a família são relatadas como permeadas por ressentimentos, com um adendo para Virginia que sofreu um abuso sexual por parte do meio irmão. Dessa forma, precisamos entender a inscrição do acontecimento sob a ótica winnicottiana, que enfatiza a família enquanto fornecedora de uma proteção à criança contra o trauma (Winnicott, 1965/1994). À vista disso, é preciso analisar que o trauma carrega em si um sentido relacional entre o acontecimento traumático, em si mesmo, e o que ele resulta no sujeito traumatizado. Para Winnicott (1965/1994), o trauma seria o conjunto de uma intrusão (*impingement*) do ambiente e da reação automática do bebê a essa intrusão. Ainda para o autor, o importante é quando o trauma é representado pela necessidade de reagir. Para Winnicott (1949/2021), isso implica uma perda temporária de identidade, o que provoca um senso extremo de insegurança e lança a base para a expectativa de novos exemplos de perda

de continuidade do *self* e até mesmo para uma desesperança congênita (embora não herdada) quanto à possibilidade de alcançar uma vida pessoal.

Ademais, precisamos considerar o lugar que Woolf e Plath ocupavam na sociedade vigente, cada uma em sua década. Nos relatos de ambas as autoras, percebe-se que elas viveram sob a redoma de uma conduta do que é ser mulher em sua época: primeiro Woolf, que foi casada com Leonard, mas mantinha um relacionamento com outra mulher. Podemos acreditar que ela não vivia plenamente pelo medo do julgamento alheio. Plath, por seu turno, vivia sob a lógica de uma sociedade conservadora britânica que a fazia julgar a si mesma em diversos âmbitos de sua vida, enquanto filha, esposa e mãe. Ou seja, ambas buscaram se enquadrar na lógica do o que é “ser mulher”, uma “função” que parecia ter uma regra a ser seguida.

Nessa perspectiva, acreditamos que é preciso cuidado ao analisar a vida e a obra de algumas autoras, pois percebe-se que a morte parece se sobressair às histórias de vida e aos trabalhos delas, que passam a ser marcados pelo suicídio, como Woolf, em 1941, e Plath, em 1963. Dessa maneira, o que teríamos seria uma lógica ainda falocêntrica de diminuir o trabalho e a vida de algumas autoras, pois, apesar de existirem trabalhos que privilegiem a vida de alguns autores masculinos, questões como loucura e suicídio parecem ser algo inerente apenas à escrita de mulheres.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo de nosso trabalho foi analisar a escrita por outro viés que não fosse o do lado tóxico, e sim pela potencialidade do uso da produção literária de modo criativo, seguindo os pressupostos winnicottianos, que nos convidam a uma percepção criativa de que a vida vale a pena ser vivida. No entanto, não concebemos a escrita de mulheres como universalmente criativa; por isso, foi preciso demonstrar que, em muitas pessoas, a escrita vem camuflar problemas sérios, como a depressão.

Acreditamos, segundo Winnicott, que se tudo corre bem, temos sujeitos capazes de compreender uma situação limite como passageira. Isso seria em si um princípio de esperança, um movimento que podemos observar em nosso dia-a-dia, em cada história de mulheres que é compartilhada. Dessa forma, o cenário em que mulheres se tornam o pilar da família, que enfrentam a violência em casa e no trabalho, mas ainda conseguem enxergar que a vida vale ser vivida — o que é reconhecido como a condição de mulheres comuns —, precisa ser destacado e ter sua voz também na academia.

Não objetamos a possibilidade de uma toxidez da escrita, como assinala Carvalho, mas novamente salientamos que não existe uma experiência vivida de forma única por todos os sujeitos. Se acreditarmos que cada experiência é subjetiva e que cada um possui sua forma de enfrentar as intempéries da vida, é possível analisar a escrita por uma nova ótica que leva em conta não apenas o lado tóxico, tampouco seu papel como solução terapêutica. Existe um sentimento latente que aparece tanto na escrita de Woolf quanto na de Sylvia Plath: a solidão, descrita por essas autoras, que chama a atenção para o exercício de ofício solitário.

Dessa maneira, nossa indagação visa a colocar à prova, na prática, se a escrita desenvolvida em um ambiente que propicia que uma experiência da autoria de forma compartilhada pode ser um diferencial para compreender o princípio esperança e a criatividade, a partir de uma brincadeira e de um jogo da liberdade.

9 REFERÊNCIAS

- Beauvoir, S. (2009). *O segundo sexo* (S. Milliet, Trad.; 2ª ed.). Nova Fronteira.
- Biazus, C. B. (2019). *Dicionário compartilhado: espaço de criação, resistência e subjetividade* [Tese de doutorado]. Universidade Federal de Santa Maria.
- Bloch, E. (2005). *O princípio esperança* (N. Schneider & W. Fucks, Trans.). Contraponto. (Trabalho original publicado em 1954).
- Branco, L. C. (1991). *O que é escrita feminina*. Brasiliense.
- Branco, L. C. (2012). *Quem me chama? Inspiração, talento e vocação da escrita* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=-zub6zq-n38>
- Carvalho, A. C. (2003). *A poética do suicídio em Sylvia Plath* (Vol. 15). Editora UFMG.
- Cixous, H. (2022). *O riso da Medusa*. Bazar do Tempo. (Trabalho original publicado em 1970).
- Del Matto Faria, F. (2007). A questão do suicídio na teoria de D. W. Winnicott. *Winnicott e-Prints*, 2(1). <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/wep/v2n1/v2n1a03.pdf>
- Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Imago.
- Dias, R., & Matos, F. (2023). Patriarcado e o poder: uma abordagem interdisciplinar. *Recima21*, 4(8). <https://doi.org/10.47820/recima21.v4i8.3939>

- Ferreira, M. F., & Ferrari, I. F. (2017). A escrita e Virginia Woolf: vida e morte. *Tempo Psicanalítico*, 49(1), 80–97.
- Figueiredo, L. C. (2003). O paciente sem esperança e a recusa da utopia. In L. C. Figueiredo. *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea* (pp. 157–189). Escuta.
- Fulgencio, L. (2011). A ética do cuidado psicanalítico para D. W. Winnicott. *A Peste*, 3(2), 39–62.
- Irigaray, L. (1997). O gesto da psicanálise. In T. Brennan (Ed.). *Para além do falo: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher* (pp. 171–185). Record; Rosa dos Tempos.
- Lemasson, A. (2011). *Virginia Woolf*. L&PM Pocket.
- Machado, C. E. J. (2008). O princípio esperança. *Trans/Form/Ação*, 31(1), 205–213.
- Medeiros, C., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). Reflexões sobre *holding* e sustentação como gestos psicoterapêuticos. *Psicologia Clínica*, 26. <https://doi.org/10.1590/s0103-56652014000200004>
- Nascimento, M., & Brant, F. (1978). Maria, Maria [Canção gravada por M. Nascimento]. In F. Brant, M. Palomo, A. Gleijer, D. Reches & N. Brizuela. *Clube da esquina 2*. Fonogram.
- Outeiral, J. O. (2010). Transicionalidade e criatividade: rabiscos sobre o viver criativo. *Jornal de Psicanálise*, 43(78), 91–98.
- Passos-Ferreira, C. (2014). O *self* como centro de ação em James e Winnicott. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 17, 27–42.
- Phillips, A. (2020). *Winnicott. Ideias & Letras*. (Trabalho original publicado em 1988).
- Plath, S. (2004). *Os diários de Sylvia Plath: 1950–1962* (K. V. Kukil, Ed., & C. Nogueira, Trad.). Globo.
- Rocha, Z. (2007). Esperança não é esperar, é caminhar: reflexões filosóficas sobre a esperança e suas ressonâncias na teoria e clínica psicanalíticas. *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, 10(2), 255–273. <https://doi.org/10.1590/1415-47142007002005>
- Safra, G. (2012). Implicações do conceito de criatividade para a situação clínica. In I. Sucar & H. Ramos. *Winnicott: ressonâncias* (pp. 13–18). PSI.

- Souza, N. S. D., & Pereira, V. C. (2018). A escrita da mulher/a escrita feminina na poesia de Maria Teresa Horta. *Estudos Feministas*, 2, 255–273. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n244115>
- Velano, M. F. S. (2020). *Razão onírica, razão lúdica: perspectivas do brincar em Freud, Klein e Winnicott* [Tese de doutorado]. Universidade de São Paulo.
- Winnicott, D. W. (1990). Natureza humana (D. L. Bogomoletz, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1988).
- Winnicott, D. W. (1994). A experiência mãe-bebê de mutualidade. In D. W. Winnicott. *Explorações psicanalíticas* (pp. 195–202). Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1969).
- Winnicott, D. W. (1994). Uma nova luz sobre o pensar infantil. In D. W. Winnicott. *Explorações psicanalíticas* (pp. 119–123). Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965).
- Winnicott, D. W. (2018). Para Melanie Klein. In D. W. Winnicott. *O gesto espontâneo*. Martins Fontes. (Trabalho original produzido em 1952).
- Winnicott, D. W. (2019). *O brincar e a realidade*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1975).
- Winnicott, D. W. (2020). A mãe dedicada comum. In D. W. Winnicott. *Os bebês e suas mães* (pp. 17–28). Ubu. (Trabalho original publicado em 1966).
- Winnicott, D. W. (2020). O conceito de indivíduo saudável. In D. W. Winnicott. *Tudo começa em casa* (pp. 21–42). Ubu. (Trabalho original publicado em 1967).
- Winnicott, D. W. (2020). Vivendo criativamente. In D. W. Winnicott. *Tudo começa em casa* (pp. 21–42). Ubu. (Trabalho original publicado em 1966).
- Winnicott, D. W. (2021). Este feminismo. In D. W. Winnicott. *Tudo começa em casa* (pp. 217–230). Ubu. (Trabalho original publicado em 1964).
- Winnicott, D. W. (2021). Memórias do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade. In D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise* (pp. 327–355). Ubu. (Trabalho original publicado em 1949).
- Winnicott, D. W. (2022). *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador* (I. C. S. Ortiz, Trad.). Ubu. (Trabalho original publicado em 1962).

- Wittig, M. (2016). A marca do gênero (R. V. Guedes, Trad.). <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4696795>
- Woolf, V. (2012). Profissões para mulheres. In V. Woolf. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas* (pp. 9–20). L&PM Pocket. (Trabalho original produzido em 1931 e publicado em 1942).
- Woolf, V., & Bell, A. O. (1989). *Os diários de Virginia Woolf*. Companhia das Letras.

10 ARTIGO 2 : O JOGO DA LIBERDADE: A ESCRITA DE MULHERES NO WATTPAD E A CRIATIVIDADE E O BRINCAR EM WINNICOTT

Resumo

Nosso trabalho tem por objeto a escrita feminina em um ambiente virtual, que é o Wattpad, reconhecido como uma multiplataforma que permite a leitura e a publicação independente de livros e capítulos de livro. Dessa forma, nosso objetivo é compreender que fenômeno estaria presente na interação entre autores/leitores que promove um novo olhar sobre o que Winnicott compreende como viver uma vida que vale a pena ser vivida. Nesse sentido, a partir do aporte teórico de Winnicott sobre o conceito de brincadeira, buscamos associá-lo com uma espécie de jogo da liberdade que se desprende do processo de autoria/leitura no Wattpad, seguindo uma construção da poesia de Maria Gabriela Llansol de uma figura viva e livre. Assim, na multiplataforma, autoras mulheres escrevem segundo seu poder de escolha, e, de forma concomitante, os leitores exercem também seu poder de liberdade de leitura.

Palavras-chave: Escrita feminina. Brincadeira. Wattpad. Jogo da liberdade. Psicanálise winnicottiana.

Abstract

Our work focuses on female writing in a virtual environment, which is Wattpad, recognized as a multiplatform that allows the independent reading and publication of books and bookchapters. Thus, our objective is to understand what phenomenon would be present in the interaction between authors and readers that promotes a new look at what Winnicott understands as living a life worth living. In this sense, based on Winnicott's theoretical contribution to the concept of play, we seek to associate it with a kind of game of freedom that emerges from the authoring/reading process on Wattpad, following a construction of Maria Gabriela Llansol poetry in a lively and free figure. Thus, on the multiplatform, female authors write according to their power of choice, and, concomitantly, readers also exercise their power of freedom of reading.

Keywords: Women's writing. Play. Wattpad. Game of freedom. Winnicottian psychoanalysis.

Resumen

Nuestro trabajo se centra en la escritura femenina en un entorno virtual, el Wattpad, reconocido como una multiplataforma que permite la lectura y publicación independiente de libros y capítulos de libros. Así, nuestro objetivo es comprender qué fenómeno estaría

presente en la interacción entre autores y lectores que promueva una nueva mirada sobre lo que Winnicott entiende como vivir una vida que valga la pena ser vivida. En este sentido, a partir del aporte teórico de Winnicott al concepto de juego, buscamos asociarlo a una especie de juego de libertad que surge del proceso de autoría/lectura en Wattpad, siguiendo una construcción de la poesía de María Gabriela Llansol de una manera vivaz y libre. Así, en la multiplataforma, las autoras escriben según su poder de elección y, al mismo tiempo, los lectores también ejercen su poder de libertad para leer.

Palabras clave: Escritura de mujeres. Jugar. Wattpad. Juego de libertad. Psicoanálisis winnicottiana.

10.1 Considerações Iniciais

O Wattpad é um espaço democrático *on-line* para escrita e leitura de obras de diversos gêneros literários, dentre eles, fantasia, ficção científica e gênero policial. Nesse espaço, destacam-se o romance e seus subgêneros, grandes sucessos da rede de publicação, em especial o gênero erótico, nomeado por seus usuários como literatura *hot* (Bubniak, 2020).

Por sua disposição *on-line*, o Wattpad possibilita que pessoas de diversos lugares do mundo publiquem suas histórias de maneira independente. Com apenas um *login* e uma senha, a multiplataforma permite a seus usuários postar capítulos de livros e anexar a eles imagens, vídeos e músicas que complementam a publicação. Os “Wattpaders”, como são conhecidos tais usuários, têm a oportunidade de criar uma biblioteca digital particular, em que podem separar suas leituras por gêneros e marcar seus livros favoritos.

Para além de sua organização, o que nos chama a atenção no Wattpad, diferenciando-o de outras plataformas digitais de escrita e leitura como os *blogs*, é sua interface como uma rede social virtual. Devido a ela, os usuários têm a oportunidade de interagir com inúmeros escritores e leitores. Aos escritores é permitida a postagem de capítulos individuais ou livros completos, tendo estes como principal atração os comentários que podem ser feitos em qualquer parágrafo do texto ou mesmo no final de cada capítulo ou livro, dinamizando a obra com impressões pessoais e sugestões de caminhos para trabalhos inacabados e em construção. Aos leitores é permitido tornar favorita uma obra, curtir comentários de outros usuários e denunciar publicações ofensivas, que fogem às normas de conduta da plataforma. Tem-se,

assim, um espaço virtual marcado pela horizontalidade, o qual possibilita um movimento de troca entre pessoas de diferentes localidades e culturas⁷.

O Wattpad segue uma classificação etária que permite o ingresso de usuários a partir de 13 anos de idade completos. O número de acessos tem crescido de forma exponencial em compartilhamento, contando com um público majoritariamente feminino, segundo dados levantados pela própria plataforma nos últimos anos (Anderson, 2017).

As obras do Wattpad vêm ultrapassando os limites da plataforma, estendendo seu alcance por outras mídias digitais, por meio de divulgação e criação de grupos de leitura no WhatsApp, no Instagram e no Youtube, por exemplo. Mais recentemente, os debates têm sido feitos de forma síncrona através de um serviço de *streaming* chamado Twitch, no qual são realizados *sprints*⁸ de leitura, uma modalidade de leitura coletiva.

Os primeiros êxitos do Wattpad foram as *fanfics*, também chamadas de AU (*Alternative Universe*). Um dos exemplos mais famosos de *fanfic* é o livro *Cinquenta tons de cinza*, que deu origem ao filme homônimo. Escrito pela autora britânica E. L. James, foi inspirado na série de livros *best-seller* *Crepúsculo*, romance sobrenatural da escritora Stephenie Meyer. Dada a oportunidade de reescrever histórias, diversos autores independentes passaram a acrescentar detalhes mais específicos em suas obras, principalmente relacionados aos momentos de intimidade dos casais protagonistas.

Simultaneamente à boa recepção de obras com personagens “emprestadas” com teor mais saliente em seus enredos, histórias originais, voltadas ao público feminino, também passaram a dominar a plataforma (Bubniak, 2020). O sucesso do gênero erótico trouxe ao centro do debate a mulher que escreve sobre algo até então silenciado — o prazer feminino —, tornando o aplicativo, para alguns, sinônimo de imoralidade, o que, no entanto, não desmotivou autores e leitores. No Brasil, grandes autoras tiveram uma passagem, em sua trajetória de escrita, pelo Wattpad, como Nána Páuvoli, que publicou seus romances por editoras renomadas e vendeu os direitos de suas obras para o cinema e para a televisão (Wolff, 2021). Páuvoli, que escreve desde os 11 anos de idade, relata que sofreu preconceito dentro da própria família por escrever literatura classificada como *hot*.

⁷ Mais de 90 milhões de pessoas usam a plataforma para ler e escrever, gastando mais de 23 bilhões de minutos por mês engajadas em diferentes histórias. 90% delas são usuários com idades entre 13 e 40 anos, e muitos dos escritores são adolescentes mais velhos ou jovens adultos (“O Que é o Wattpad”, 2022).

⁸ *Sprints* de leitura ou “leitura conjunta” são *lives* realizadas por influenciadores digitais que consistem em um evento ao vivo em que é separado um tempo de 30 minutos para que seja feita a leitura, seguida de 15 minutos de um breve intervalo (Loureiro, 2021).

Dessa forma, debruçamo-nos sobre um movimento autoral desmerecido até pelos que se designam amantes da literatura. As escritoras de romance *hot*, mesmo sendo perseguidas e, muitas vezes, ameaçadas na *internet*, não desistem de seu empreendimento, muito devido à presença ativa de leitores que buscam incentivá-las em cada passo de seu processo de escrita. À vista disso, pressupomos que, no Wattpad, pode ocorrer o desenvolvimento de relacionamentos entre pessoas totais que tenham uma apreensão objetiva do mundo, mas sem perder a pessoalidade. Tratam-se de autoras que, mesmo diante de obstáculos que existem na realidade de uma mulher — nomeadamente, de uma mulher escritora —, ainda conseguem enxergar uma vida que vale a pena ser vivida.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é refletir sobre o Wattpad como um espaço que, por sua dinâmica de funcionamento, empodera mulheres. Para tanto, trazemos um novo olhar para o movimento autoral que existe entre autores e leitores na plataforma. Acreditamos que a escrita, quando realizada em uma dinâmica de presença-ausência do outro, como é o caso de uma interação virtual, reedita o brincar compartilhado descrito por Winnicott. Nosso pressuposto é o de que se estabelece no Wattpad algo muito semelhante ao que ocorre no espaço potencial, um lugar de descanso, onde não há julgamentos, que proporciona uma harmonização entre realidade interna e o real compartilhado. Nesse sentido, teríamos, nessa plataforma, autores e leitores enfrentando suas realidades de forma criativa.

Isto posto, para compreender esse fenômeno que existe no Wattpad, propomos desenvolver um método criativo, seguindo uma brincadeira de *bricolagens*⁹, conforme exposição de Rosário (2007). Nessa perspectiva, não estamos falando de uma invenção, mas de uma construção nos moldes do que descreve Winnicott (1952/2018) em uma carta a Melanie Klein. Nessa carta, ele levanta uma preocupação pertinente ao que ele compreendia como kleinianismo, um fenômeno baseado na formação de uma doutrina kleiniana. O autor, que apresenta em sua teoria a ideia de uma criatividade originária, acredita que, para uma teoria ser reafirmada, é preciso que os leitores de um determinado trabalho “façam descobertas à sua própria maneira e que apresentem o que descobrem na sua própria linguagem” (p. 43). Dessa forma, propomos brincar com conceitos e experimentá-los como fontes de inspiração e construir nosso próprio pensamento. Este pode ser um movimento arriscado. Contudo, é importante frisar que não é uma transformação do conceito, mas, sim, a

⁹ A proposta de fazer bricolagem na escrita e na clínica não significa descartar outros saberes acumulados, mas poder dirigir às teorias já consolidadas outros olhares, visadas estrangeiras que permitem seu uso como ferramentas provisórias, sempre prestes a constituir novas experimentações (Rosário, 2007).

ampliação de seu uso, segundo o que Winnicott (1975/2019) atribui à palavra *uso*, fugindo da ideia de uma exploração.

Nesse seguimento, pretendemos promover um encontro entre a proposta psicanalítica criativa de Winnicott e as proposições de alguns autores da filosofia, como Rancière e Machado (2015), bem como autores da poesia, como Friedrich Schiller e Gabriela Maria Llansol. O que nos interessa é oferecer uma interpretação a um universo a ser explorado a partir de publicações de mulheres em meio digital, particularmente na plataforma Wattpad. Seguiremos, pois, a metodologia do recorte pertencente à análise de discurso, principalmente por sua aproximação daquilo que os sujeitos têm a dizer em meio a seu laço social, mas com uma interpretação segundo a teoria winnicottiana. Para isso, apresentaremos alguns depoimentos da rede social X, antigo Twitter, com o intuito de enriquecer a construção de nossos objetivos e compreender o que é esse fenômeno existente no Wattpad.

Assim, nesse ensejo que busca não somente dar voz a um universo pouco explorado, talvez parcialmente interpretado, contamos com os pensamentos de Winnicott, principalmente por seu viés original, que visa a trazer um olhar sobre o indivíduo saudável, e não somente da doença. Desse modo, seguindo Winnicott na ideia de um espaço existente entre realidade interna e externa — um lugar de repouso e experimentação em que se localiza a brincadeira e as experiências culturais —, elaboramos um novo enquadre, partilhando das ideias da psicanálise e da filosofia sobre o conceito de emancipação de Rancière. Acreditamos que, na concepção de um jogo da liberdade, podemos construir uma pluralidade de articulações que nos possibilite quebrar a lógica hierarquizante, desvelando outras formas possíveis de dar sentido a nossas experiências.

10.2 A Terra de Ninguém

A mulher não está a imaginar, está apenas a reunir forças. (Llansol, 2001, p. 55)

Winnicott chama a atenção para a aquisição da saúde e o amadurecimento emocional. Ele acreditava que era muito mais fácil falar sobre a doença do que se ocupar sobre a saúde. Assim, o autor demonstrava uma visão diferente do que era observado em alguns trabalhos psicanalíticos, pois ele empenhava-se em trazer uma compreensão mais positiva da saúde e da vida. Como enuncia: “escolhi não analisar a sociedade dessa maneira, preferindo observá-la a partir da saúde, ou seja, de seu crescimento ou do eterno rejuvenescimento que surge

naturalmente da saúde de seus membros saudáveis em termos psiquiátricos” (Winnicott, 1975/2019, p. 223).

Percebe-se que o autor traz, para sua construção teórica, um olhar que é próprio de sua experiência. O fato de ter vivenciado dois contextos bélicos diferentes e o de ter trabalhado diretamente com crianças no pós-guerra trouxeram para o psicanalista uma noção privilegiada da capacidade destrutiva da humanidade. Ainda assim, muitos de seus constructos teóricos buscam destacar o sujeito vivendo uma vida que vale a pena ser vivida, o que podemos observar nas próprias ações do autor, em uma passagem de sua autobiografia inacabada, intitulada *Nada menos que tudo*, de 1971. Winnicott parece ter se defrontado com a finitude, tendo assim realizado uma descrição imaginária de sua morte. Ele clama: “Deus, faz com que eu viva o momento de minha morte” (p. 12). É possível perceber que ter vivenciado uma infância relativamente feliz o capacitou, como descreve Outeiral (2009), “para brincar com todas as experiências” (p. 8), até mesmo com momentos que são amedrontadores para a maioria de nós, como a morte.

Dessa maneira, podemos compreender um pouco melhor a forma como ele busca construir um de seus grandes trabalhos, *O brincar e a realidade* (1975). Nele, o autor indaga onde estamos quando nos divertimos. Assim, nesse viés, empreendemos a seguinte questão: que espaço é esse que o Wattpad revela entre autores e leitores e como a escrita e a leitura o preenchem?

Winnicott (1975/2019), nesse sentido, examina o lugar em que, para ele, passamos a maior parte de nossa vida. No entanto, ele não busca desenvolver uma localização espacial, se é na mente ou no corpo, mas localizar um lugar-comum (ou um meio-termo) entre a realidade psíquica, que é interna e individual, e a realidade empírica, externa e compartilhada. O autor chama a atenção para o fato de que “se observarmos a nossa vida, provavelmente descobriremos que, na maior parte do tempo, não estamos nem envolvidos em algum comportamento nem em estado de contemplação, mas em algum lugar. Eu me pergunto onde?” (Winnicott, 1975/2019, p. 168).

Assim, ao construir seu argumento, Winnicott destaca uma terceira área, entre a realidade interna e a realidade externa. Para melhor compreensão, precisamos abrir espaço para as primeiras experiências subjetivas: as interações entre a mãe e o bebê, que influenciam diretamente na futura organização do sujeito. É a partir dessas interações que Winnicott (1975/2019) constrói muitos de seus conceitos. Dessa maneira, inicialmente o bebê e a mãe formam uma unidade, por mais que alguém, ao olhar de fora dessa relação, veja duas pessoas individuais. Trata-se do denominado estado de indiferenciação mãe-bebê, *eu-mundo*. Nesse

ponto, ainda não temos a constituição de uma diferenciação específica entre mundo interno e mundo externo para que ocorra a constituição subjetiva, inaugurando o princípio de realidade.

Para Winnicott, existem três funções maternas essenciais: o *holding*, o *handling* e a apresentação de objetos. O *holding* é construído na possibilidade de existência de uma identificação da mãe com o bebê, o que desenvolveria um estado afetivo bastante específico: “ela sabe como o bebê pode estar se sentindo. Ninguém mais sabe” (Winnicott, 1960/2023, p. 36). Trata-se de um momento também chamado de preocupação materna primária. Nesse caso, o *holding* seria o “colo” físico, que garante uma sensação de segurança e sustentação, o que certifica o sentimento necessário à existência psicossomática.

No *handling* se concentra o momento do cuidado; é a construção do vínculo entre a mãe e a criança. Podemos falar também de uma manipulação do bebê, de um manejo físico. Nesse aspecto, temos, por exemplo, a hora da troca de fraldas e a hora do banho, além de comportamentos que fazem parte do universo interativo do bebê com o outro, dentre eles, os gestos de embalar, cantar, acalmar, fazer uma careta etc. De maneira, esses comportamentos podem gerar uma resposta da criança, como um sorriso, um grito e a agitação.

Avançando, temos a apresentação de objeto, que é o momento em que a mãe, identificada com as necessidades do bebê, entrega a este seu objeto de desejo, no exato momento em que ele precisa, de forma que o bebê cria a ilusão de que o que ele deseja, ele encontra facilmente em sua realidade. Assim, a partir da experiência da primeira mamada — momento de ilusão, em que o bebê acredita que o mundo é sua criação —, o sujeito já apresenta ao mundo uma contribuição própria. Essa ilusão é construída pela confiança do bebê no ambiente e é nomeada por Winnicott (1975/2019) como *playground* intermediário, lugar de origem da ideia mágica, da experiência de onipotência. Como enuncia o autor: “refiro-me a isso como um *playground* porque é aqui que a brincadeira começa” (p. 83).

Dentro do domínio da ilusão, creditado por Winnicott (1975/2019) como base do que seriam as primeiras experiências, temos os objetos e fenômenos transicionais que representariam os estágios iniciais desse *playground*, o momento especial que autor nomeou como o *paradoxo e aceitação do paradoxo*. Para Winnicott (1975/2019), esse momento ocorre da seguinte forma: “o bebê cria o objeto, mas o objeto já estava lá, esperando para ser criado” (p.145) Nesse viés, existiria uma tendência que move o bebê a incluir objetos que se diferem do *eu* em seu padrão pessoal, que pode ser desde o polegar levado à boca até mesmo os dedos que acariciam o rosto.

Nesse ponto, pode ocorrer o que ele chamou de experiências funcionais: o bebê pega um objeto externo a ele (ou um objeto transicional), seja este um cobertor ou um pedaço de

tecido, e, ainda com a mão na boca, utiliza a mão livre para segurar esse objeto externo ou também levá-lo a boca. Essa experiência, chamada por Winnicott de fenômeno transicional, ganha uma grande importância no processo de desenvolvimento infantil, pois os objetos transicionais são os objetos que o bebê utiliza como defesa em momentos de solidão ou de ansiedade que o ameaçam. Para o autor, “os objetos transicionais e os fenômenos transicionais iniciam os seres humanos naquilo que eles sempre considerarão importante, ou seja, uma área neutra de experiência que não será posta à prova” (Winnicott, 1975/2019, p. 31).

Ainda nessa perspectiva, o autor relata uma dedicação ao estudo do que ele chama de substância da *ilusão*, enquanto algo necessário ao bebê e presente na vida dos adultos, pois está ligado às artes e à religião e porque, principalmente, “podemos demonstrar respeito pela experiência ilusória e, se assim desejarmos, nos reunir e formar grupos baseados na similaridade de nossas experiências ilusórias. Essa é uma raiz natural da formação de grupos de seres humanos” (p. 16). Dessa maneira, pensamos na possibilidade de manifestação de uma identificação entre *Wattpaders*, devido a essas mesmas similaridades que o autor chama de *experiências ilusórias*. Assim, os usuários se encontrariam em um estado intermediário, muito semelhante àquele em que o bebê se encontra em suas primeiras experiências. Conforme Winnicott (1975/2019), esse estado compreende “incapacidade e crescente capacidade de reconhecer e aceitar a realidade” (p. 16). Nesse sentido, não seria uma forma de defesa, pois, para Winnicott (1969/2021), existiria uma falta de saúde quando as defesas que se organizam na personalidade e aparecem em diversas formas, nos enunciados psicanalíticos. Contudo, o autor compreende que “não há dúvida [...] de que as defesas são parte essencial da estrutura humana e que, sem organização de defesas, só existem caos e a organização de defesas contra o caos” (p. 276). Dessa forma, não estamos falando da defesa que se organiza na personalidade humana, nem mesmo de uma maneira de colocar essa área à prova. Longe disso, o autor afirma a existência de um espaço potencial que propiciaria o repouso, o que ele nomeou de tarefa infundável, em manter as realidades interna e externa separadas ou mesmo inter-relacionadas (Winnicott, 1975/2019).

Existe uma fala muito comum entre leitores, que se refere à busca de saída da realidade. Muitos afirmam que, mediante experiências causadoras de mal-estar, os livros se tornam um espaço que eles podem habitar e esquecer por um momento as exigências da vida adulta. Aqui, o brincar se torna acessível, pois talvez os leitores abdicuem do mundo adulto para retornar a uma capacidade infantil que muitas vezes é perdida ao longo das muitas experiências vividas. Podemos associar a leitura como uma passagem secreta, como uma experiência muito semelhante ao que ocorria com Lucy no livro de C. S. Lewis *O leão a*

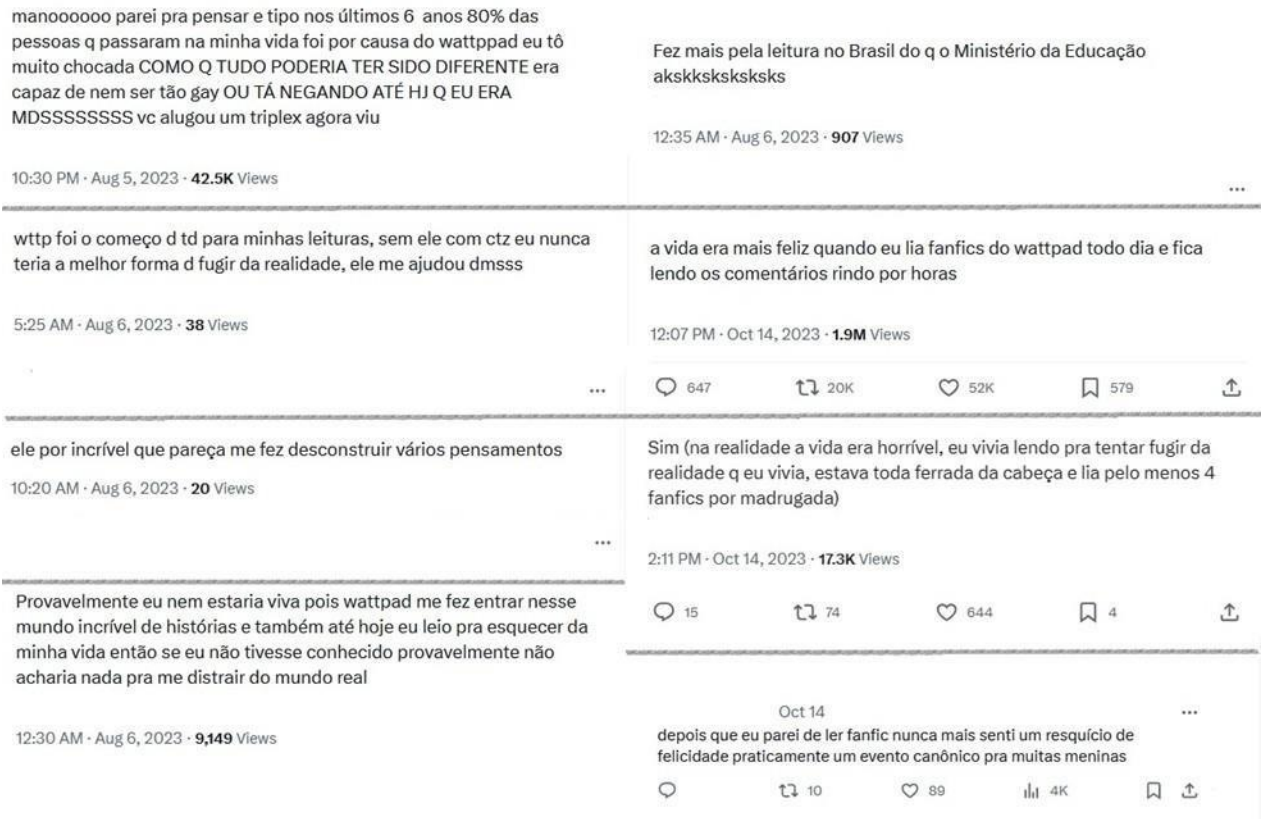
*feiticeira e o guarda-roupa*¹⁰. Ao entrar naquele espaço, a protagonista visitava mil mundos, experimentava mil aventuras, podendo, depois, retornar a sua realidade. Podemos ver algo semelhante também no livro *A vida invisível de Addie Larue*: “Ela descobriu que os livros são uma maneira de se viver milhares de vidas diferentes — ou de encontrar forças para viver uma muito longa” (Schwab, 2021, p. 34).

Nessa perspectiva, dentro das limitações que se interpõem na construção de um trabalho científico, buscamos, por meio de uma abordagem qualitativa de pesquisa, fazer um recorte sobre escritos postados na rede social X. A técnica de recorte é reconhecida na análise de discurso e compreende formas materiais que produzem sentido, muito mais do que apenas dados de pesquisa. Conforme assinala Orlandi (1984), “recorte é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva” (p. 14). Nesse sentido, mais do que o fragmento, é a relação com o laço social no discurso.

O objetivo é fazer uma interpretação à sombra da psicanálise winnicottiana das relações construídas na esfera digital Wattpad, trazendo a palavra de autores e leitores sobre a vivência em espaços literários de criação independente. Dessa maneira, foram coletadas postagens em português pré-definidas a partir das palavras-chave *escrever no Wattpad* e *ler no Wattpad*. No total, coletamos 25 *tweets* no período entre os dias 1º de agosto e 30 de outubro de 2023. Contudo, foram distribuídos neste trabalho apenas alguns recortes, aqueles que acreditamos serem pertinentes para enriquecer a compreensão de nosso objeto de pesquisa. Dos depoimentos retirados do X, manteremos apenas as características de gênero e da rede social. Os detalhes relativos à coleta estão disponíveis de acordo com a política de divulgação da plataforma.

¹⁰ A história começa quando uma criança entra em um guarda-roupa que a leva a um mundo mágico. O guarda-roupa é algo comum aos olhos humanos que se torna extraordinário quando experimentado por crianças, desafiando os leitores a considerarem suas vidas como algo mais do que existir e experimentar novas oportunidades (Gomes, 2023).

Figura 1- E se eu nunca tivesse baixado o wattpad?.



Fonte: Rede social X antigo Twitter, usuários respondem uma *thread*¹¹ de acordo com a frase: “ah, mas o efeito borboleta nem existe”. A pergunta era: “e se eu nunca tivesse baixado o wattpad?”. A postagem teve cerca de 552 respostas, foi replicada por 5.004 usuários e teve 7,5 mil curtidas.

Contudo, é importante salientar que essa experiência de fuga da realidade tem seu lado nocivo à saúde, pois existem sujeitos que não conseguem viver sua realidade, de forma que, mesmo utilizando a leitura e a escrita, têm o sentimento de inutilidade, de viver uma vida que não é verdadeira. Assim, gostaríamos de trazer a ideia de uma fuga da realidade que podemos descrever como uma reunião de forças para enfrentar uma batalha maior que é a vida e todas as suas dificuldades diárias; seria uma pausa das exigências externas e internas, diferindo nisso de uma noção encobridora da realidade. À vista disso, os leitores e autores demonstram que, apesar de a experiência literária oportunizar um local de descanso das exigências inerentes ao estar vivo, ao final de cada escrita/leitura o que fica é a experiência e suas sensações, a disposição para enfrentar os estudos, trabalhos e a família. Essa possibilidade de compreender a vida com um novo olhar após a escrita ou a leitura desprende-se de algo que está inerente ao sujeito, o qual estabeleceu suas bases integrativas: a apercepção criativa capaz de nos fazer sentir que “vale a pena viver” (Winnicott, 1975/2019, p. 108).

¹¹ Uma *thread* no X é um conjunto de tuítes numerados e vinculados uns aos outros, para usuários contarem histórias, compartilharem informações e iniciarem debates com seus seguidores. Esse recurso é útil por trazer detalhes pertinentes a uma grande história, mantendo uma leitura prática e uma comunicação de fácil entendimento. Cada tuíte da *thread* permite a adição de conteúdo multimídia, como *links* de outros *sites*, fotos e vídeos (Voltarelli, 2021).

Isto posto, retomando o desenvolvimento saudável, temos, entre a relação de objeto e o uso de objeto, uma das experiências mais complexas do amadurecimento humano, que consiste em retirar o objeto da área onipotente do indivíduo, pois, para Winnicott (1975/2019), esse processo compreende a possibilidade de “o fracasso inicial mais complicado [...] ser reparado” (p. 146). Nesse sentido, na saída de um objeto do controle onipotente, o bebê tem a capacidade de entendê-lo não em sua dimensão projetiva, mas mediante uma percepção deste como pertencente à realidade externa, reconhecendo-o enquanto uma entidade real e sua existência em si mesmo.

Seguindo nesse processo, temos a mudança da relação ao uso, em que o sujeito se relaciona com o objeto para depois destruí-lo. É essa destruição que garante a retirada do objeto do controle onipotente. Assim, a descoberta da realidade permite que o sujeito crie o objeto; é a sobrevivência deste — nesse caso, o mesmo que a não retaliação — que possibilita que o bebê passe a viver no mundo dos objetos. O ambiente suficientemente bom assume, durante esse estágio do desenvolvimento do bebê, duas formas, a de “mãe-ambiente”, responsável pelo manejo global, que promove cuidado e sustentação evitando imprevistos, e a de “mãe-objeto”, que detém o objeto de satisfação das necessidades do bebê. Cabe à mãe-ambiente conservar a identificação com o bebê e estar disponível de forma receptiva ao gesto espontâneo do filho, ao passo que a mãe-objeto precisa demonstrar que sobrevive aos ataques instintuais. Segundo Winnicott (1963/2022),

[...] o bebê sente ansiedade, porque se ele consumir a mãe ele a perderá, mas essa ansiedade é modificada pelo fato de o bebê ter uma contribuição a fazer à mãe-ambiente. Há uma confiança crescente que haverá oportunidade para contribuir, para dar a mãe-ambiente confiança essa que torna o bebê capaz de aguentar a ansiedade. A ansiedade tolerada deste modo tem sua qualidade alterada e se converte em sentimento de culpa. (p. 96)

Esse sentimento de culpa, descrito por Winnicott e relacionado com os impulsos primários, passa por nova modificação. Temos, então, o que ele denomina preocupação. Desenvolve-se no bebê, além da capacidade de ficar preocupado, a possibilidade de assumir a responsabilidade por seus impulsos instintivos e pelas funções que deles fazem parte. Em resumo, o sujeito primeiro se relaciona com o objeto; em seguida, o objeto deixa de ser posto no mundo pelo sujeito e começa a ser encontrado por ele; depois, temos a destruição do objeto; segue-se a sobrevivência deste; e, por fim, inicia-se seu uso (Winnicott, 1975/2019).

Dessa forma, pode-se instituir dois estados: no primeiro, temos a realidade externa, que tem como característica ser constante, tanto na relação de objeto quanto no uso deste pelo sujeito. Contudo, ao mesmo tempo, temos as capacidades instintivas que também são constantes, mesmo que possam variar com a idade e a capacidade do sujeito. No segundo

estado, segue-se a realidade psíquica, mas, antes, é preciso que o bebê tenha atingido o estabelecimento de um *self* integrado, por efeito do qual temos a formação de diferenciação. É importante ressaltar que existem alguns fatores que influenciam o desenvolvimento da realidade psíquica, dentre eles, fatores hereditários, da personalidade e, principalmente, relacionados com a introjeção de fatores ambientais e projeção de fatores pessoais. Assim, em oposição a essas duas realidades, teríamos uma área disponível para um modo de vida em seu estado contemplativo?

Winnicott (1975/2019) enuncia: “tento sugerir uma resposta” (p. 168). O autor compreende uma zona intermediária, entre o subjetivo e o que é objetivamente percebido. Temos, então, um terceiro modo de vida, que pode ser variável de acordo com cada indivíduo, afinal, como já destacamos, essa área, para o autor, é produto das experiências do bebê em relação à mãe, um contraponto entre o mundo interno e a realidade externa. Dessa forma, o Wattpad, por extensão, seria um espaço que pode contribuir positivamente, de modo a possibilitar a construção criativa de cada indivíduo em sua zona intermediária pessoal. Afinal, Winnicott (1975/2019) destaca a importância da experiência para extensão dessa área, que vai variar entre mínima ou máxima, seguindo a coletânea das experiências concretas do indivíduo. Consequentemente, ele afirma que “essa área é produto das experiências de cada pessoa (bebê, criança, adolescente, adulto) no ambiente predominante” (p. 171).

Então, referenciamos o Wattpad enquanto uma instância semelhante à terra de ninguém. No entanto, não seguimos a ideia atribuída por alguns, que descrevem a multiplataforma como antro de perdição, um lugar sem lei; na contramão dessa visão, utilizamos a expressão *terra de ninguém* partindo do próprio conceito de Winnicott (1968/2019) de espaço potencial, em que ele descreve que

O interjogo entre a mãe e o bebê estabelece o que poderíamos chamar de uma área comum, ou melhor dizendo, um parquinho, uma terra de ninguém que é o território de cada um, o lugar onde está o segredo o espaço potencial que pode se tornar um objeto transicional, o símbolo de confiança de união entre mãe e bebê, uma união que não envolve interpenetração. Portanto, não nos esqueçamos do brincar, onde nascem a afeição e o prazer pela experiência. (pp. 116–117)

Visualizamos tal multiplataforma como terra de ninguém porque, nesse espaço, não existe um poder hierarquizante. Autores e leitores abrem um espaço de leitura democrático, em que os escritores são convidados a construir suas histórias da maneira que eles desejarem, enquanto aos leitores é possível escolher, dentre os milhares de livros disponíveis, aqueles com os quais se identificam, sem qualquer forma de obrigatoriedade; é propiciado ao usuário encontrar pessoas com as quais ele pode se identificar. Um grande exemplo que apresentamos

neste texto é a literatura erótica, que encontrou na multiplataforma um lugar de aceitação e passou a reunir milhares de escritores e leitores em uma rede de afetos, em amizades que perduram por anos.

Assim, propomos fazer uma correlação entre o espaço potencial e o uso que alguns escritores/leitores fazem da multiplataforma Wattpad. Pressupomos que, da mesma forma que a criança, os adolescentes e adultos preenchem essa terceira área criativamente com o brincar; a escrita e a leitura compartilhadas na multiplataforma seriam uma reedição dessa ação. Winnicott (1975/2019), em *Brincar como uma proposição teórica*, compreende que, “para controlar o que está fora, é preciso fazer coisas, não apenas pensar ou desejar, e fazer coisas demanda tempo. Brincar é fazer” (p. 74).

Na busca por elucidar esse fazer, Winnicott (1975/2019) cita Milner (1952) e sua associação da brincadeira infantil com a concentração dos adultos. Tal autora traz a ideia de que seria “uma fase recorrente essencial para uma relação criativa com o mundo” (p. 70). Isto posto, o Wattpad permite a seus usuários um ambiente de confiança, no qual eles conseguem manifestar suas criações rodeadas de ansiedade, medo, angústias e realizações. Muitos dos enredos construídos na multiplataforma estão permeados dessa miríade de sentimentos que pode invadir o sujeito.

Dessa forma, temos dois movimentos nesse universo literário da multiplataforma: primeiro, o do autor que coloca em palavras personagens e mundos fictícios que devem ter uma certa coerência de existência, o que implica um enredo que deve conter diversas características capazes de transformar um texto compreensível a quem lê; segundo, o dos leitores que carregam consigo a capacidade de colocar em imagens todo o universo distribuído em palavras. É uma ação semelhante ao que as crianças fazem quando leem ou quando constroem um faz de conta, a partir de um simples galho que se transforma desde a espada até a varinha mágica. Em Winnicott (1975/2019), essa capacidade imaginativa fértil é o que permite ao sujeito explorar o mundo de forma criativa, passando entre o sonho e a realidade. O autor afirma que é “a imaginação que enriquece a vida” (p. 53).

Figura 2- Por que você escreve? (sim, essa pergunta é do tipo existencial).

Pra me sentir vivo, me sentir bem. Para me sentir aceito, ao menos nos universos que crio. Escrevo para dar sentido à minha vida, também. Para me sentir feliz 5:59 PM · Oct 11, 2023 · 350 Views	porque eu consigo fugir um pouco da realidade criando uma só minha 8:37 PM · Oct 11, 2023 · 27 Views
Tem dois motivos: 1- pra me sentir viva e feliz 2- pra poder ajudar outras pessoas com a minha arte, mostrá-las q elas nunca estarão sozinhas e q vai ficar tudo bem. Já passei por muita coisa e quero ajudar outras pessoas com a minha arte	Na verdade nem sei se conseguiria dar uma resposta coerente. Ajuda com os traumas, te permite criar um milhão de possibilidades de vidas que vc nunca vai ter e ao mesmo tempo que podemos expressar o que sentimos, podemos explorar sentimentos que, talvez, jamais tenhamos 5:15 AM · Oct 12, 2023 · 16 Views
9 - Por que você escreve? (Sim, essa pergunta é do tipo existencial) 6:08 PM · Oct 11, 2023 · 117 Views	Retribuição e existência. A Literatura me manteve firme e existindo por mais de uma vez; ainda mantém. Acho que em algum momento apenas pensei que talvez pudesse fazer o mesmo por alguém, ser aquele tempo de respiro que precisamos para seguir em frente. E foi maldade a pergunta. 11:47 PM · Oct 12, 2023 · 10 Views
pq de tanto pensar, criar mundos imaginários, consumir literatura... uma hora eu decidi que queria colocar minhas próprias palavras no papel tbm, queria fazer elas serem vistas por outras pessoas, queria mostrar minha perspectiva pro mundo 6:25 PM · Oct 11, 2023 · 133 Views	Foi a primeira forma de terapia que eu encontrei na vida, eu era tímida e não sabia como me expressar e contar as coisas pra psicóloga, então escrevia historinhas pra contar oq acontecia cmg ou o que eu pensava... e foi isso, nunca mais parei de fazer isso 3:46 PM · Oct 12, 2023 · 42 Views
Porque gosto de idealizar e criar novos mundos, gosto de pensar nas sensações que as pessoas terão ao ler e se serão como as que tenho quando leio algo. É incrível essa habilidade de fazer rir, amar e chorar através de histórias 🥰 7:03 PM · Oct 11, 2023 · 147 Views	

Fonte: Alguns autores respondem a uma thread na rede social X.

Figura 3- A imaginação e o processo de escrita

Me choca muito até hj que nem todo mundo consegue ouvir sua própria voz na sua mente Que tem gnt que lê livro e não visualiza os personagens ou da voz pra eles na cabeça. Eu achava que era todo mundo que fazia isso 12:08 AM · Oct 3, 2023 · 120 Views
eu vejo imagens e meus pensamentos são narrados por uma voz, por isso amo ler livros pq é como se eu tivesse vendo um filme onde consigo imaginar os personagens como quero e ainda dou voz para cada um deles. Achei q todo mundo fazia isso kkkkkkkkkkk q loucura 1:48 PM · Oct 3, 2023 · 121 Views
essa sequência alugou um triplex em mim pq eu sou uma pessoa com uma imaginação mto fértil. Ouço vozes na minha mente, posso criar diferentes vozes, crio cenários e visualizo eles. Quando leio, a minha própria voz da cabeça narra o que eu to lendo, ou quando escrevo (tipo agr) 3:21 PM · Oct 3, 2023 · 102 Views

Fonte: Usuários da rede X relatam que muitas vezes conseguem construir a escrita/leitura de um livro visualizando-o por imagens.

No Wattpad, ainda observamos a presença de um paradoxo nomeado por Winnicott (1958/2022) como a capacidade de ficar sozinho. Contudo, esse estado implica estar só na presença de alguém. É possível notar que os autores constroem suas histórias em um ambiente permeado por uma presença-ausência; seus leitores estão presentes de forma virtual, mas, muitas vezes, o processo de escrita é realizado de maneira “solitária”. O que existe é o compartilhamento de trechos das histórias, o que se denomina *spoiler*¹². Nesse seguimento, é criada a *playlist*¹³ do livro, são produzidas ilustrações de cenas específicas e das personagens de maneira geral, tudo isso como uma forma de trazer os leitores para próximo da obra, de modo que eles já se sintam inseridos no universo da história, pois é uma convivência por dias, semanas ou meses nesse processo de construção, muitas vezes postado capítulo a capítulo. Assim, a capacidade que empreendemos é a de que, nessa ação que ocorre de forma virtual, autores e leitores brincam sozinhos, mas na presença um do outro, um paradoxo que Winnicott (1958/2022) elucida como “o indivíduo que desenvolveu a capacidade de ficar sozinho está constantemente capacitado a redescobrir o impulso pessoal, e o impulso não é desperdiçado porque o estado de ficar sozinho é algo que implica sempre [...] que mais alguém também está ali” (p. 41). Assim, o Wattpad compreende uma miríade de potencialidades, que, para serem abarcadas, seriam necessários muitos outros trabalhos que englobassem as interações existentes nesse universo. Contudo, acreditamos que a brincadeira seja a principal ação que movimenta a publicação independente e as leituras, que são quase uma co-autoria possibilitada nessa multiplataforma. No entanto, para que a liberdade de escrita existisse nessa multiplataforma, foi preciso que grandes autoras abrissem o caminho, principalmente em realidades bem adversas. Dessa forma, seguindo a premissa de Winnicott (1967/2021), que acreditava “não incidir no erro de pensar que se pode avaliar homem ou mulher sem levar em conta o seu lugar na sociedade” (p. 21), entendemos que não é possível compreender o jogo da liberdade que queremos assinalar sem antes demonstrar de qual realidade esse jogo toma parte e se inicia.

¹² Podem ser definidos como o adiantamento de uma peça do roteiro ou de um livro fora da ordem original Santos, Oliveira (2015, p.18)

¹³ Uma *playlist* é uma sequência arbitrária de canções cujo objetivo é ser ouvida como um grupo em que se enquadram em um certo tema ou propósito para reprodução individual ou compartilhamento (Santos, 2017).

10.3 A Escrita de Ninguém¹⁴

Estou tão cansada de não ter nenhuma escolha, tão assustada de ver os anos passando diante dos meus olhos. Não quero morrer do mesmo jeito que vivi, porque isso não é vida. (Schwab, 2021, p. 47)

Os anos 1940 foram marcados pela Segunda Guerra Mundial, capítulo tenebroso na história da humanidade. É em meio a esse acontecimento, precisamente em março de 1941, que ocorre a morte de Virginia Woolf (1882/1941), escritora revolucionária para sua época, a qual publicou nove romances e cerca de trinta livros de outros gêneros. Foi ela uma das precursoras da causa feminista, defendendo principalmente a independência financeira da mulher. Apesar de seus escritos datarem do início do século XX, muitas de suas críticas continuam se mostrando atuais e relevantes. Ora, Virginia entendia que, diferentemente dos homens, as mulheres precisavam enfrentar uma barreira da moral tradicional, a qual ela designou como Anjo do Lar¹⁵. Para a autora, levaria muito tempo até que uma mulher pudesse redigir algum texto sem encontrar com um fantasma que precisasse matar, uma sombra que precisasse ultrapassar (Woolf, 1942[1931]/2012).

No cenário brasileiro, nos bastidores de uma ditadura militar, encontramos Odette Rios (1932–2002), responsável por ajudar a profissionalizar a escrita feminina no país. Era chamada de “escritora maldita”¹⁶ pelos militares, apenas por ser mulher e quebrar as regras da moral e dos bons costumes. Cassandra Rios era o nome da autora que, longe da sombra do Anjo do Lar, ousou descrever a mulher como alguém que sente prazer, ressaltando ainda o amor entre o mesmo sexo, isso em plena ditadura militar. Como era lésbica assumida, muitas

¹⁴ O feminino de ninguém é uma figura que surge no livro *Lisboaleipzig 2: o ensaio de música*, de Maria Gabriela Llansol, como um feminino de Aossê, uma figura construída pela autora e metamorfoseada a partir de Fernando Pessoa (Branco, 2019). Apesar de todas as concepções da teoria lacaniana que seguem os trabalhos sobre o termo *ninguém*, gostaríamos de trazer a ideia llansoliana segundo a qual ela atribui ao feminino de ninguém: a ver, viva, veloz, livre e ativa (Llansol, [1994]/2014).

¹⁵ A escritora britânica Virginia Woolf descreve, em *Profissões para mulheres*, o que ela denominou “o Anjo do Lar”: um fantasma feminino, claramente identificado ao ideal de feminilidade que atravessa gerações, que paira sobre as mulheres censurando suas opiniões e suas vontades, ao mesmo tempo que as induz a concordar com as opiniões e as vontades alheias, mantendo-as alienadas a um padrão de pureza. Woolf (1942[1931]/2012) relata que, ao resenhar um livro de autoria masculina, se deparou com esse fantasma, o qual lhe sussurrava: “Querida, você é uma moça. Está escrevendo sobre um livro que foi escrito por um homem. Seja afável; seja meiga lisonjeie; engane; use todas as artes e manhas de nosso sexo. Nunca deixe ninguém perceber que você tem opinião própria. E principalmente seja pura” (p. 12).

¹⁶ Considerada a escritora brasileira mais perseguida durante a ditadura militar, Cassandra Rios ficou conhecida popularmente como a “escritora maldita” daquela época. Em suas obras, a autora era abertamente contrária à “moral” e aos “bons costumes” da sociedade (Gearini, 2021).

de suas personagens também o eram, e com isso, por fugir das regras da heteronormatividade, ela foi considerada perigosa pelo regime militar (“Quem Foi Cassandra Rios”, 2019).

A autora chamava a atenção pela escrita clara e direta em seus livros que tinham capas e temas controversos. Dessa forma, Cassandra Rios pôde atingir várias classes sociais, até mesmo as mais populares. Em 1970, tornou-se a primeira escritora brasileira a vender um milhão de exemplares, desbancando Jorge Amado, autor que defendia as obras de Cassandra. A autora só perdeu a posição de autora mais vendida em 1990 para Paulo Coelho (Leite, 2019). Contudo, grande parte de seus livros se tornou um achado raro. Ocorre que, durante a ditadura, muitas das suas obras foram incineradas. Em apenas seis meses, chegaram a censurar 36 dos seus 52 livros publicados, o que inclusive acarretou sua falência. Ela, que vivia da renda dos direitos autorais de sua escrita, tinha também uma livraria, a qual precisou fechar em 1975 devido à perseguição militar. O preço que pagou para defender sua escrita foi alto, mas ela não deixou de escrever, passando a adotar pseudônimos masculinos. Em muitas entrevistas, observamos seus amigos falarem que ela sempre levou tudo na brincadeira. Exemplo disso foi ter passado a publicar com nomes masculinos, mas que se referiam a seu sobrenome real; o que ela fazia era versá-lo para o inglês, como Clarence *Rivers* e Oliver *Rivers*. Com o uso de pseudônimos, Cassandra fugiu das garras da ditadura, continuando a escrever e vender suas obras. Ela relata que

Usei pseudônimos estrangeiros, pelo que senti estar sendo obrigada a prostituir minha arte. Assim, descerrei a cortina para que vissem a casa suja da Censura e ouvissem o estrondo do seu tombo quando lhe puxei o tapete [...] não eram meus livros que estavam proibindo e sim a escritora que na época mais vendia. Tanto assim que esses romancinhos intencionais, gerados por uma grande revolta, igualmente escritos por mim, eram adquiridos nas Livrarias e Bancas de Jornais, afinal não eram Rios, mas eram Rios em outros idiomas, River’s, Strom’s, Rivier, Fleuve, etecétera! (Rios, 2000, p. 134)

Em meio a lutas pela sobrevivência de sua escrita, Cassandra Rios viu sua vida particular se tornar manchete: ela, que preferia o anonimato e se dizia conservadora, observou seu nome ser envolvido em diversas polêmicas, como a de uma suposta sedução de menores. Mais que isso, nas poucas entrevistas que deu, ela foi questionada sobre sua sexualidade e sua vida particular; poucos queriam saber sobre sua escrita. Ela também precisou destacar várias vezes que escrevia sobre o amor, e o sexo era apenas consequência disso, não a parte fundamental (Leite, 2019).

É interessante o fato de a mulher Odette Rios ter escolhido o nome Cassandra como autora. Segundo pesquisas, ela tinha sonhos e relatava escutar vozes que a chamavam de Cassandra (Leite, 2019). Segundo a mitologia grega, Apolo teria ensinado os segredos da profecia para Cassandra; ele, no entanto, tinha segundas intenções com a profetisa, que

recusou sua investida e foi amaldiçoada por ele: ninguém acreditaria em suas previsões (Tavares, 2011). Contudo, Cassandra era uma mulher inteligente e gostava de aguçar a imaginação de seus leitores. Para Pereira (2019), tudo não passava de uma “estratégia para criar uma aura de mistério em torno do nome, de fazer com que o seu aparecimento não parecesse banal era uma forma de continuar fazendo literatura e envolvendo o público nos intervalos entre um e outro romance” (p. 22).

O pouco que se sabe sobre a vida de Cassandra Rios está em entrevistas, reportagens e vídeos documentais. Além de ser muito reservada, vários de seus livros se perderam ou foram incinerados pela ditadura. É importante ressaltar que a censura muitas vezes aumentou a publicidade das obras de Cassandra, por aguçar a curiosidade sobre aquilo que foi proibido. A *safo*¹⁷ de *perdizes*, como intitulado o documentário sobre sua vida, traz algumas informações a respeito da luta da autora, que morreu em 2002, em decorrência de um câncer. Cassandra relata o medo diante da morte, desde o primeiro momento que descobriu a doença junto a diversos outros diagnósticos, como hipertensão e problemas cardiovasculares. Em sua segunda biografia intitulada *Mezzamaro, flores e cassis: o pecado de Cassandra* (2000), ela começou a escrever sobre o estranhamento da finitude; falava sobre carregar culpas, mas também não deixava de celebrar a vida. Segundo Vieira (2014), mesmo com feridas ainda em aberto, ela descrevia a experiência de viver. De acordo com Cassandra (2000), citada por Vieira (2014, p. 200),

Minha festa apoteótica! Meu delírio mental! Meu atrevimento emocional! [...] É a minha festa de conagração, de despedida, de gratidão, não sei, só sei que comemoro tudo que vivi, e agradeço a todas as pessoas que conheci, sem distinção, porque de cada uma delas eu aprendi algo, o que me aborreceu, fortaleceu-me, o que me alegrou, me fez brilhar e crer que a vida é sal e açúcar, e ambos são necessários.

Cassandra deixou um legado, tanto que muitas autoras do gênero erótico se inspiram nela. É o caso de Janaina Bragança Bittencourt, mais conhecida pelo pseudônimo Nána Páuvoli, uma das autoras precursoras da literatura erótica na multiplataforma Wattpad. É carioca, foi professora de história, quando começou a fazer sucesso com os seus livros em 2012. Foi intimada pelo marido a escolher entre ficar com sua escrita ou perder seu relacionamento. Até mesmo sua irmã ficou sem falar com ela por cerca de dois anos, somente por ela escrever sobre algo normal do prazer feminino. Segundo a autora, recebia muitos comentários, questionando por que optou pelo gênero erótico, logo ela que era tão inteligente

¹⁷ Safo foi uma poeta nascida em algum momento entre 630 e 612 antes de Cristo, que passou a maior parte de seu tempo na ilha de Lesbos. Isso a situa na Grécia. Na verdade, sua reputação de amar mulheres, combinada com a reputação da ilha, levou à criação da palavra “lésbica” (Valente, 2019).

e escrevia tão bem. Nána começou no Wattpad, mas hoje tem contratos com editoras renomadas brasileiras, como a Rocco, editora carioca que possui uma coleção chamada de *Violeta*, dedicada ao romance erótico, sob o selo Fábrica231. Sua trilogia *Redenção* contabiliza 200 mil leituras no Wattpad, com obras que fazem tanto sucesso. Sua série de livros chamada *Segredos* está sendo sondada para a produção de uma série televisiva. Sua rede de leitoras se tornou tão unida, que se denomina uma espécie de fã clube, chamado de *nanetes*.

Nessa onda de sucessos que saíram do Wattpad direto para as telas de TV, temos o livro da autora Sue Hecker, *O lado bom de ser traída* (2016), que foi lançado em filme pela Netflix, em 2023. O livro conta com cerca de 16 milhões de leituras na *internet*, o que chamou a atenção da editora HarperCollins. A autora afirma que passou a escrever como uma forma de diversão, uma forma de passar o tempo, mas acabou encontrando amigos que perduraram durante muito anos. Sue também tem seu grupo de leitoras fãs: as *suzetes*. A autora é uma mulher de mais de quarenta anos, que compreende na leitura uma forma de dar asas na imaginação; não está preocupada com os estereótipos direcionados aos amantes da literatura erótica, como donas de casas desesperadas, com casamentos infelizes, que buscam nos livros uma espécie de fuga.

Na contramão da crítica literária e dos defensores da literatura clássica como detentora de todas as verdades do mundo, buscamos empreender um novo olhar para essa rede criada no Wattpad, não somente pela brincadeira, que permite a autoria e a leitura de livros em espaço virtual pela via da existência. Elas estão criando e vivendo de forma criativa, pois o movimento é o de inspirar outras mulheres a reescreverem a história do seu jeito. Essa é a brincadeira, não delimitar uma hierarquia de quem detém o poder, autor ou leitor, mas uma forma de emancipar. Nesse sentido, Figueiredo (2021) complementa

Portudo isso, quando vejo autoras ousarem se profissionalizar e escrever romances erótica com cenas de sexo em que o corpo da mulher é livre e o prazer feminino é uma prioridade e uma escolha dessa mulher e esses livros atraírem uma multidão de leitores, entre os públicos feminino e masculino, e movimentarem o mercado editorial a ponto de sustentar financeiramente uma editora, enxergo um fenômeno, quase uma revolução contemporânea. (p. 40)

É nesse movimento de inspiração que supomos o brincar como uma ação potencial que permite aos sujeitos transitar entre os mundos subjetivo e objetivo, isto é, que possibilita ao ser a liberdade de criar e recriar o mundo. Por isso, em nosso trabalho, ao direcionarmos nosso olhar para a escrita de mulheres que escrevem para outras mulheres, principalmente sob a égide do gênero erótico, estamos delineando um nicho que não é bem recebido pela opinião

pública e pelas regras da literatura clássica. Assim, seguindo a ideia de mulheres escrevendo/lendo algo insólito, sob uma chuva de críticas, este não poderia ser nada menos do que um fenômeno a se aprofundar. É nessa perspectiva que gostaríamos de empreender a noção de Winnicott e a liberdade de recriar o mundo com a ideia de um re(existir) feminino no que denominamos *jogo da liberdade*.

11 O Jogo da Liberdade

Muros de pedra não fazem uma prisão; nem barras de ferro, uma jaula. (Lovelace apud Winnicott, 1969/2021, p. 273)

Destrinchamos no começo deste trabalho que o espaço de escrita/leitura no Wattpad se aproxima muito da ideia winnicottiana de espaço potencial, pois permite a autoras e leitoras um lugar de alívio da tensão entre a realidade interna e externa. Nesse sentido, é importante destacar que, amparados na ideia de uma brincadeira compartilhada, precisamos entender as instâncias dessa interação. De acordo com *O Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (1986), interação significa “atividade ou trabalho compartilhado, em que existem trocas e influências recíprocas” (p. 1632). Contudo, gostaríamos de empreender uma ideia mais expressiva do que significa interação, no intuito de tentar elucidar que a brincadeira precede algo muito importante — a emancipação — entre autoras e leitoras no Wattpad. Para compreendermos melhor o que seria esse movimento de interação, propomos um encontro entre as concepções de Winnicott e Rancière sobre essa ação.

Winnicott, ao criar a teoria do desenvolvimento emocional, buscou descrever os caminhos da constituição do ser. Nesse percurso, o autor trouxe a interação como seu ponto precursor, conforme podemos observar na introdução do livro *Natureza humana* (1988/1990):

[...] de uma interação primária do indivíduo com o ambiente, surge um emergente, um indivíduo que procura fazer seus direitos, tornando-se capaz de existir num mundo não desejado, ocorre então o fortalecimento do self, como uma continuidade do ser, de onde o self pode emergir, como algo ligado ao corpo e dependente de cuidados físicos. (p. 26)

Nesse sentido, Jacques Rancière¹⁸, filósofo contemporâneo de origem franco-argelina e pesquisador nas áreas de estética e política, constrói conceitos-chave para compreendermos uma noção de interação muito semelhante à de Winnicott. Ao construir uma ideia de partilha

¹⁸ Rancière explicita conceitos-chave de seu pensamento, como o vínculo indissolúvel entre arte e política, que se baseia no modo como as operações do fazer são partilhadas pelos membros de uma comunidade.

do sensível, que fixa, portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas, Rancière tece um fio entre vários conceitos. O autor inicia opondo duas noções, a de polícia e igualdade — polícia não apenas no sentido de repressão e controle social, mas de “atividade que organiza a reunião de seres humanos numa comunidade e que ordena a sociedade em termos de funções, lugares e títulos a ocupar” (Rancière, 1999, *traduzido* por Teixeira, 2022, p.76.) Em oposição à polícia, temos o processo que consiste na interação de práticas direcionadas pelos pressupostos da igualdade, que seguem uma preocupação nomeada como *emancipação*. No confronto direto desses dois opostos, polícia e igualdade, temos ainda a política, que o autor compreende como “uma luta para dizer qual é a ‘situação’ em si” (p. 81).

Assim, seguindo esses preceitos da psicanálise winnicottiana e da perspectiva filosófica rancieriana, deduzimos uma interação que engloba não apenas os vínculos construídos com um *outro*, mas que seria o meio pelo qual nos construímos. Contudo, sem abrimos mão de nossa singularidade, que, para Winnicott (1990), seria algo tão especial, entre a concepção e o nascimento muita coisa ocorreu, de forma que

[...] já existe uma individualidade tão marcante, que em casos de gêmeos idênticos as enfermeiras experientes percebem imediatamente uma semelhança excepcional de comportamentos. Ao fim de duas semanas, todo bebê já passou por inúmeras experiências inteiramente pessoais. (Winnicott, 1990, p. 47)

Dessa maneira, trilhando os caminhos do que Winnicott denominou ambiente suficientemente bom proporcionado ao bebê, temos um desenvolvimento saudável, que não é definitivo, mas, sim, um processo contínuo. Por isso, é muito utilizado o termo “um eterno vir a ser”. Da mesma forma, quando falamos de um sujeito integrado, perpassamos a ideia de uma jornada da dependência absoluta rumo a uma independência, em que Winnicott (1990) afirma que

A psique, desenvolvendo-se desta maneira, torna-se possuidora de uma posição a partir da qual é possível relacionar-se com a realidade externa, torna-se algo que é capaz de criar e de perceber a realidade externa, torna-se um ser qualitativamente enriquecido, em condições de ir além daquilo que se pode explicar pelas influências ambientais, e capaz não apenas de se adaptar, mas também de se recusar a se adaptar, e de se transformar numa criatura com algo que parece ser capaz de fazer escolhas. (pp. 46–47)

Assim, a partir da noção de *ser* constituído, gostaríamos de trabalhar a ideia de um jogo, segundo uma proposição desenvolvida por Schiller, apresentado nas palavras de Belo e Scodeler (2013, p. 99) como “o impulso lúdico que permite ao homem não ser dominado nem pela sensibilidade, nem pela razão. Saber transitar entre esses dois espaços é ser livre” — uma ideia similar ao brincar winnicottiano. Nesse sentido, propomos estabelecer a noção de um jogo da liberdade, pois o que observamos no que podemos chamar de uma brincadeira no

Wattpad foge à lógica de uma luta por liberdade; em nossa compreensão, estaríamos em busca de algo análogo ao que Clarice Lispector coloca em seu livro *Perto do coração selvagem* (1943/2019): “Liberdade é pouco. O que desejo ainda não tem nome. — Sou, pois, um brinquedo a quem dão corda e que terminada esta não encontrará vida própria, mais profunda” (p. 62).

O termo liberdade não poderia ser usado em sua precisão, afinal o próprio Winnicott (1969/2021) tinha suas considerações acerca do que realmente seria de fato ser livre. O autor acreditava que, em certa medida, em grande parte de nossas vidas temos o sentimento de sermos livres. Assim, quando buscamos o significado da palavra *emancipação*, encontramos no *Dicionário Etimológico da língua portuguesa* a definição do verbo emancipar como “eximir do pátrio poder ou da tutela” (Da Cunha, 2019, p. 1285). Nesse sentido, partindo da ideia de estar livre do patriarcado, compreende-se que existe certo livre-arbítrio em poder utilizar a roupa que quiser ou escrever o gênero que desejar. É imprescindível destacar que as mulheres alcançaram patamares inimagináveis em tempos e em décadas anteriores, seja no mercado de trabalho, na política e no entretenimento. À vista disso, também não podemos contestar a possibilidade de que algumas pessoas, ao serem apresentadas à liberdade após anos de reclusão, se sintam ameaçadas mediante ao desgoverno, ou seja, sempre estiveram amparados na dependência e não saberiam viver na “independência” (Winnicott, 1969/2021).

No entanto, não podemos negar o fato de que a ameaça à liberdade existe, principalmente porque o estar livre precede ao que Winnicott (1969/2021) já alertava há muito tempo com a frase de John Maynard Keynes: “o preço da liberdade é a eterna vigilância” (p. 278). Logo, afirmar que no feminismo teríamos apenas uma reunião de mulheres raivosas, é encobrir a realidade de que, apesar das evoluções, vivemos em tempos de barbárie. A verdade é que as mulheres não são totalmente livres para ir e vir, para usarem o que quer, pois é preciso avaliar milhares de fatores, por exemplo, uma mulher ainda é questionada quando sofre uma agressão sexual. Questões como *que roupa ela usava, a que horas que ela estava na rua* e se ela teria “provocado” se sobressaem muito mais dos questionamentos acerca de quem cometeu o crime.

Por consequência, pensamos na liberdade a partir de duas esferas atribuídas por Machado (2015) em seu trabalho *A vingança do lúdico: jogos, liberdade e realidade*, no qual compreende que o jogo permitiria exercer e promover a liberdade em três dimensões. Em nosso trabalho, no entanto, destacamos duas: autonomia e comunidade. O autor fundamenta sua ideia de autonomia em Sartre e na liberdade situada, ou seja, nas palavras de Machado (2015, p. 6), “a liberdade não se exerce no vácuo, nunca agimos em uma situação na qual não

haja constrangimentos, não haja limitações concretas das possibilidades que o curso das nossas ações pode tomar”.

Dessa forma, a reivindicação das autoras em escrever sobre o que elas quiserem, até mesmo sobre sua sexualidade, parece ser um degrau bem pequeno, mediante os avanços que a nossa sociedade ainda precisa alcançar. Contudo, foi observando a multiplataforma que encontramos um jogo da liberdade, pois o que empreendemos no Wattpad como um espaço de emancipação foge a qualquer noção de libertação e independência, pois nos defrontamos com o que parecia ser também um paradoxo, porque, na verdade, tudo que elas queriam era simplesmente *ser*, na exata medida do que Winnicott aborda. Essa lógica é o que podemos observar na citação de Figueiredo (2021, pp. 102–103), de sua tese de doutorado com autoras de romance erótico:

Percebo que no ambiente que se constitui ao redor desse romance há uma liberdade de ser, de agir, de estar justamente porque há esse encontro de interesses que une as mulheres que fazem parte dessa comunidade. O que elas têm a dizer talvez não interesse a quem esteja do lado de fora do grupo. Talvez elas não queiram mesmo dizer nada a quem está fora do grupo. Elas teriam apenas o desejo de ser o que são, mas não pelo que supostamente deveriam ser.

Winnicott, em seu texto *Discussão dos objetivos da guerra* (1940/2021), destaca seu ponto de vista segundo o qual, “pessoalmente, não tenho vergonha da ideia de lutar apenas para existir. Não fazemos nada de extraordinário quando lutamos pelo simples motivo de não querermos ser exterminados ou escravizados” (p. 250). A verdade é que a luta empreendida no mundo literário é exatamente ser livre para escolher o que se quer escrever e ler. Contudo, o que observamos é a existência de uma certa propensão dentro do universo *bookredes*¹⁹ em querer padronizar o que é literatura e até mesmo classificar os leitores entre bom e ruim. Nessa ótica, a literatura erótica é considerada uma forma de literatura à margem do que é considerado clássico.

Prosseguindo nessa concepção, a escolha mais fácil seria submeter-se à vontade do outro, para evitar o conflito. Segundo Winnicott (1966/2021), “com o passar do tempo, o ser humano individual desiste de ser o volante, ou mesmo a caixa de marchas inteira, e adota a posição mais cômoda de uma peça na engrenagem.” (p. 56). Para o autor, a opção pelo caminho mais simples se inicia na falta de adequação no encontro entre o bebê e o ambiente, o que levaria a uma intrusão ambiental que geraria um movimento reativo a ela, onde deveria se localizar a vivência de experiências individuais. Assim, surge o falso *self*, que se constitui

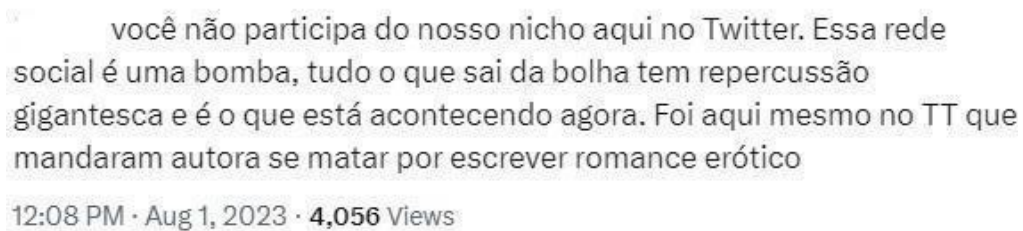
¹⁹ As *bookredes* são comunidades literárias digitais, em plataformas de redes sociais, que promovem ativamente a leitura, através do compartilhamento de conteúdo literário, cativando novos leitores, ao mesmo tempo que ajudam, indiretamente, na divulgação de obras e autores (Almeida, 2023).

na tentativa de substituir a função materna que falhou. “O self verdadeiro aprisionado é incapaz de funcionar e, por ser protegido, sua oportunidade de experiência viva é limitada. A vida é vivida através do self falso complacente e o resultado disso, clinicamente, é um senso de irreabilidade” (Winnicott, 1950/1994, p. 36).

Dessa forma, teremos um sujeito que, em sua individualidade, está marcado pelo padrão externo, no qual ele segue avançando sempre em adaptar-se ao padrão. Galván e Moraes (2009, p. 52) acrescentam: “Podemos dizer que o indivíduo que não pode ser, reage”. O que se apresenta como submissão na psicanálise winnicottiana, em Rancière se apresenta como dominação, que se entranha no discurso ideológico, mas também é própria do sensível²⁰. Nesse sentido, Hurtado (2016, p. 268) esclarece que a dominação “tem a força de uma evidência sensível que delimita nossas ocupações, nossos modos de ser, de sentir e de fazer, e nossos modos de circular, de descrever e de qualificar essa experiência”.

Assim, nessa lógica, poderíamos nomear a presença de uma supremacia que buscaria restringir os direitos individuais de cada leitor, principalmente no espaço virtual, pois, se a difusão das redes sociais trouxe uma maior possibilidade de se comunicar, tudo na vida tem seus dois lados, e a versão ruim do virtual é a capacidade que os grupos têm em se unir para levantar ou destruir aquilo que eles entendem por bom e ruim. Nesse sentido, existe um certo discurso que insiste em associar a literatura erótica com doença, em menosprezar leitores e autores e, principalmente, em promover linchamentos que envolvem mensagens desejando que pessoas se matem apenas por gostarem de um gênero literário específico.

Figura 4 - Autores do gênero erótico sofrem preconceito nas redes sociais*



...você não participa do nosso nicho aqui no Twitter. Essa rede social é uma bomba, tudo o que sai da bolha tem repercussão gigantesca e é o que está acontecendo agora. Foi aqui mesmo no TT que mandaram autora se matar por escrever romance erótico

12:08 PM · Aug 1, 2023 · 4,056 Views

Fonte: Postagem de uma autora durante mais uma polêmica envolvendo a literatura erótica no X.

Nesse sentido, buscamos priorizar a teoria winnicottiana, pois observamos uma análise crítica da submissão em Winnicott (1963/2022), que considera que “imoralidade para o bebê é se submeter, às custas de seu modo pessoal de viver” (p. 128). Dessa forma, independentemente se é na literatura, como em nosso objeto de pesquisa, ou em qualquer

²⁰ Um composto discursivo dotado de inúmeros significados que definem modelos de palavra ou de ação (Teixeira, 2021).

âmbito de nossas vidas, nas palavras de Winnicott (1967/2021), “o principal é que o homem ou a mulher sintam que estão vivendo a própria vida, assumindo sua responsabilidade pela ação ou pela inatividade, e sejam capazes de assumir o crédito pelo sucesso e a culpa pelas falhas” (p. 29).

Isto posto, estamos falando da difícil tarefa de se responsabilizar por suas escolhas, ou seja, ninguém teria o direito de determinar as decisões de uma pessoa, principalmente no universo literário que deveria ser impreterivelmente democrático. Consequentemente, o Wattpad, em seu catálogo, disponibiliza diversos tipos de leitura e abarca diversas opções para os leitores, de ficção científica a romance e seus diversos nichos, como cristão, histórico e livros de fantasia. A multiplataforma foi uma das primeiras a trazer a representação de pessoas que não tinham visibilidade na literatura convencional. É possível encontrar enredos dos mais diversos possíveis, incluindo sobre uma multiplicidade de corpos, como a representatividade negra, LGBTQIA+, *plusize*, PCD etc.

Por esse motivo, delineamos a presença de um jogo da liberdade, por muitas vezes sutil, no Wattpad, pois não é preciso gritar aos quatro ventos que escrever erótico é um ato do ser livre de uma mulher. Parece-nos ser um movimento nas entrelinhas; autoras e leitoras são convidados, em cada leitura e em cada interação, a se moverem da inércia, sem qualquer tipo de imposição que os leve a se movimentar. Nessa perspectiva, temos, nas palavras de Machado (2015, p. 5), o poder da livre escolha como o jogo da liberdade, “afinal, escolhemos jogar e se submeter às regras do jogo porque é ‘divertido’, não porque a ação tenha qualquer fim externo a ela, porque queiramos obter algo dela, mas sim porque vemos a ação realizada conforme essas regras e essas metas como sendo em si mesma desejável”.

Assim, a leitura e a escrita seriam mais uma ação dos afetos: as mulheres sentem, veem, são tocadas pela escrita, sentem que o texto não é um simples texto, e, quanto às autoras, estas compreendem um fazer que não é apenas unir palavras. Contudo, as mulheres compreendem que algo mudou na sua forma de pensar, de assimilar algo a partir daquilo que até então era constituído como certo pelo outro. Por isso, pensamos na brincadeira no Wattpad não enquanto uma maneira de resistência, nem mesmo como uma defesa, mas como uma forma de re(existir). Maria Gabriela Llansol atribuiu uma nova forma de nomear a leitura enquanto presença de um corpo de afetos: *legência*, em que “o texto precisa encontrar, não o leitor abstracto, mas o leitor real, aquele a que, mais tarde, acabei por chamar legente — que não o tome nem por ficção, nem por verdade, mas por caminho transitável” (Llansol, 2013, pa. 3).

Nesse sentido, apresentamos a ideia de uma comunidade de legentes, em que, apesar de nos constituirmos como seres a partir de uma dependência rumo à independência em Winnicott (1963/2022), o autor utiliza o termo *relativo*, pois ele acredita que não somos seres isolados, mas temos uma relação interdependente com o meio ambiente. Seguindo essa perspectiva, Machado (2015) traz a ideia de liberdade em sua dimensão de comunidade, pelo que acredita que a participação em uma comunidade é fundamental para a realização de nossa liberdade, pois “apenas na comunidade podemos alcançar um nível maior de liberdade que não se limita àquilo que um indivíduo isoladamente pode conseguir e que não se limita a ser a liberdade de apenas um indivíduo” (p. 8). Uma concepção parecida podemos observar em Rancière (2005), que concede ao fazer artístico a capacidade de desenvolver um gesto que oriente novos pensamentos e, conseqüentemente, outra forma de cultura. Toda essa ação pode ocorrer de forma tão sutil, que sequer é percebida. O filósofo diz ainda que “as práticas artísticas são ‘maneiras de fazer’ que intervêm na distribuição geral das maneiras de fazer e nas suas relações com maneiras de ser e formas de visibilidade” (p. 17).

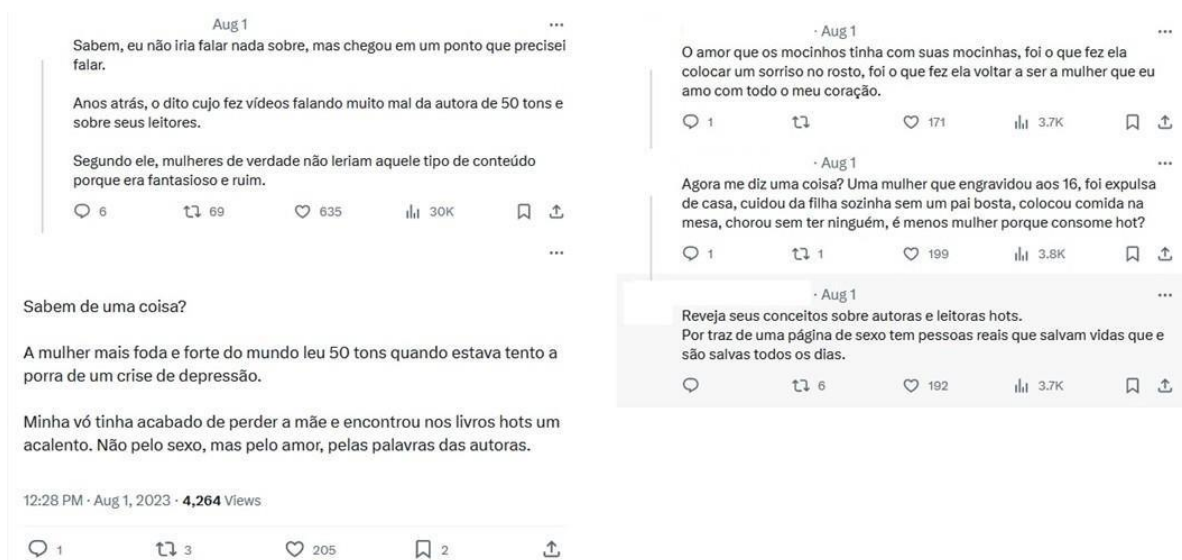
Rancière (1988) constrói suas ideias a partir de textos e manifestos dos operários entre 1830 e 1850. Em *A noite dos proletários: arquivos do sonho operário*, o autor desenvolve um método a partir de uma leitura desses textos que foge a uma ideia massificadora da revolta trabalhadora. Existia toda uma narrativa performática que precisava ser analisada para além do óbvio. Perpassavam questões muito além das identidades e identificações relacionadas a determinado papel social desses operários na sociedade. Conforme analisa Rancière (2016, p.87), “queria dizer que, em qualquer mundo singular de experiência há vários caminhos de sistematização dessa experiência precisamente porque aquele mundo é composto de vários mundos, de várias linhas de temporalidade e de possibilidades”

Enfim, é importante ressaltar que o Wattpad, como qualquer dispositivo de interação perpassado por diversos indivíduos, não foge aos textos construídos sob a égide de um falso *self*, nem reafirma que os livros pregam a liberdade de ser das mulheres. Contrário a isso, percebemos diversas histórias perpetuarem certa lógica de machismo, mas a mensagem que estaria implícita ali seria o fato da mulher ser livre em suas escolhas, poder ler e até mesmo escrever o que ela desejar. Seguimos a ideia de que, em um primeiro momento, apenas o fato de se ter a possibilidade de ler livros que retratem o prazer da mulher sem restrições já é uma construção da liberdade que se pode alcançar, principalmente pela identificação e pela oportunidade de se reconhecer enquanto protagonista de uma história, de conhecer seu próprio corpo — um pensamento consonante com o princípio da igualdade retratado por Rancière, descrito nas palavras de Teixeira (2022, p. 108) da seguinte maneira:

O princípio da igualdade que, voltado para arte, ressignifica o sentido de história para aqueles cuja vida é resultado de uma equivalência exata entre história e ausência de história, para, em um segundo momento, reforçar que as possibilidades de circulação de palavras estão presentes também nas formas democráticas da literatura que acentuam a singularidade da existência daqueles que estão fadados ao anonimato. Sempre percorrendo um viés que ora é de formação e emancipação do sujeito enquanto detentor de história, ora o de um sujeito dotado de palavra para ressignificar através da arte a própria história.

O intuito é abrir margem para questionamentos contra uma espécie de ditadura literária, que tenta afirmar o que é arte. Por mais que exista a crítica literária especializada em “definir” grandes obras, ou os números de vendas que podem direcionar um *bestseller*, consideramos que os leitores são os maiores detentores do poder de determinar o que é literatura, mas isso de forma individual. Então, quando falamos da escrita da mulher, estamos mudando a lógica vigente. De acordo com Figueiredo (2021, p. 21), “e se são mulheres a falarda sua própria sexualidade (desejos, fantasias, taras, corpos), elas estão passando de objetos a sujeitos do discurso. Nesse ambiente, virtual que seja, mulheres não só se assumem como seres sexuais como também lidam com essa noção como protagonistas”.

Figura 5 - Uma nova concepção de literatura.



Fonte: Novo recorte da rede social X, o depoimento de uma autora sobre o quanto a literatura erótica pode não ser para todos, mas sim ela pode mudar algumas concepções e trazer um novo olhar.

Por fim, o que pretendemos delinear é que a escrita e a publicação independente em meio digital abriram portas para outras sistematizações que vão além do sentido estético, principalmente para o fator da liberdade de expressão na escrita feminina, devido ao fato de colocar em voga um corpo que até então estava “disponível” para ser explorado exclusivamente para agradar uma parcela da população masculina. Só assim era “permitido” ao corpo feminino ser exposto em festas tradicionais e revistas; poderiam até mesmo ser retratados sofrendo diversas formas de violência em obras literárias escritas por homens, que eram sucesso de críticas. Contudo, quando uma mulher escreve sobre seu próprio prazer, existem diversos estigmas que ela precisa quebrar, seguindo o que Virginia Woolf acreditava. Para ela, levaria muito tempo até que uma mulher pudesse redigir algum texto sem encontrar com um fantasma que precisasse matar (Woolf, 1942[1931]/2012).

12 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É imprescindível afirmar que não idealizamos que as estruturas de desigualdade e os dispositivos de controle venham a ser desmantelados ou até mesmo reformulados pela brincadeira que ocorre ali no Wattpad, mas que essas práticas lúdicas possibilitem o redirecionamento de nosso olhar para outras formas de ser e estar no mundo — isso, acreditamos, é possível considerar. Afinal, o Wattpad, como qualquer outro espaço, é constituído de coisas boas e ruins, da mesma forma que a escrita. Contudo, as formas de escrita e as maneiras de leitura dependerão da forma com que o indivíduo concebe a vida. Nesse ensejo, não compreendemos a escrita nem a plataforma como um antídoto de uma doença ou uma defesa mediante aquilo que a realidade nos impõe, tampouco como o maiorato de libertação feminina. Existe muito a ser feito e refeito ainda nesse sentido em termos de literatura e reconhecimento de direitos. É preciso ainda admitir que existem conflitos no próprio gênero literário, isto é, pessoas que afirmam não se identificar com erótico, mas estão nele pelo retorno financeiro.

O Wattpad se configuraria nesse espaço potencial porque propiciaria ao Wattpaders um ambiente de confiança onde é possível brincar e, com isso, lidar com as dificuldades inerentes às tensões entre realidade externa e interna. Dessa forma, a busca por uma nova realidade como uma forma de viver e experienciar não seria uma forma de defesa, mas de construir pontes em direção à continuidade do ser, afinal, brincar é isto: dominar a angústia e controlar idéias ou impulsos que poderiam levar a sensações angustiantes. No brincar, o sujeito busca utilizar toda a sua personalidade e ser criativo — uma forma de se comunicar. Por isso, acreditamos que no Wattpad autores postam seus livros, sem saber o quanto eles podem influenciar ou mobilizar sentidos.

Assim, esse movimento de interação faz parte de um movimento em que os conteúdos dos livros não levam uma mensagem implícita ou explícita de resolução. O fato de livros com uma liberdade de enredo estarem disponíveis nessa plataforma já é uma forma de retirar sujeitos de uma ideação de sujeição. Por isso, compreendemos a escrita e a leitura com o jogo da liberdade.

13 REFERÊNCIAS

- Anderson, P. (2017). *YA reading and writing trends from Wattpad's 60 million users*. Publishing Perspectives.
<https://publishingperspectives.com/2017/10/watpad-ya-trends-publishing-insights-millennials/>
- Bubnik, G. (2020). *O romance "hot" que virou febre no Wattpad*. Visite Brasília.
<https://visitebrasil.com.br/noticias/o-romance-hot-que-virou-febre-no-wattpad>
- Belo, F., & Scodeler, K. (2013). A importância do brincar em Winnicott e Schiller. *Tempo Psicanalítico*, 45(1), 91–101.
- Cunha, A. G. (2019). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lexikon.
- Figueiredo, L. B. (2021). *O que vale entre as quatro margens da página? Um ensaio sobre o fenômeno do romance erótico brasileiro contemporâneo de autoria feminina* [Tese de doutorado]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Houaiss, A. (1986). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Objetiva.
- Hurtado, J. C. (2016). *Às origens da partilha do sensível. O trágico, o sublime e a melancolia*. Relicário Edições.
- Galván, G. B., & Moraes, M. L. T. M. (2009). Os conceitos de verdadeiro e falso *self* e suas implicações na prática clínica. *Aletheia*, (30), 50–58.
- Gearini, V. (2021) *Cassandra Rios: a autora que teve 36 livros censurados durante a ditadura militar*. AH.
<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-cassandra-rios.phtml>
- Llansol, M. G. (1994). *Lisboaleipzig 2: ensaio de música*. Rolim.
- Llansol, M. G. (2001). *Parasceve*. Relógio d'Água.
- Llansol, M. G. (1999). Carta aberta a Eduardo Prado Coelho. *Ciberkiosk*, (7).

- Leite, T. (2019). *Conheça Cassandra Rios, a escritora mais proibida do Brasil* [Vídeo].
<https://www.youtube.com/watch?v=F7J3SaDFb88>
- Lispector, C. (2019). *Perto do coração selvagem*. Rocco.
- Lewis, C. S. (2019). *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* (P. Mendes, Trad.). WMF Martins Fontes.
- Loureiro, J. (2021). *Sprint de leitura: entenda como você pode ler mais*. Bingo.
<https://www.livrobingo.com.br/sprint-de-leitura-entenda-como-voce-pode-ler-mais>
- Machado, L. N. (2015). A vingança do lúdico: jogos, liberdade e realidade. VII Colóquio Internacional Filosofia e Ficção: A Arte da Vingança.
- O que é o Wattpad? Um colapso para os pais. (2022). Internetmatters.
<https://www.internetmatters.org/pt/hub/news-blogs/what-is-wattpad-a-breakdown-for-parents/>
- Orlandi, E. P. (1984) Segmentar ou recortar. In. *Linguística: questões e controvérsias*. Uberaba, p. 9-26
- Outeiral, J. O. (2009). D. W. Winnicott: o homem e a obra. *Viver: Mente e Cérebro*, (5), 6–15.
- Quem foi Cassandra Rios, a escritora mais censurada da ditadura militar. (2019). G1.
<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/03/31/quem-foi-cassandra-rios-a-escritora-mais-censurada-da-ditadura-militar.ghtml>
- Rancière, J. (2005). *A partilha do sensível*. Editora 34.
- Rancière, J. (1988). *A noite dos proletários*. Companhia das Letras.
- Rancière, J. (2016) *The method of equality: interviews with Laurent Jeanpierre and Dork Zabunyan*. John Wiley Sons.
- Rios, C. (2000). *Mezzamaro, flores e cassis: o pecado de Cassandra*. Cassandra Rios.
- Rosario, S. E. (2007). *Brincar de viver* [Tese de doutorado]. Universidade Federal Fluminense.
- Schwab, V. E. (2021). *A vida invisível de Addie LaRue* (6ª ed.). Galera Record.
- Tavares, E. F. (2011). A re-leitura do mito grego e a re-escrita do feminino no romance contemporâneo: Cassandra, de Christa Wolf. *Travessias*, 5(3). <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/5863>
- Teixeira, M. A. (2022). *Arte e política: a “partilha do sensível” em Jacques Rancière* [Dissertação de mestrado].

- Valente, A. (2019). *Safo das lebos, a pioneira lésbica que a literatura tenta apagar*. Revista Híbrida.
<https://revistahibrida.com.br/historia-queer/safo-das-lebos-a-poeta-queer-que-a-heterossexualidade-tenta-apagar/>
- Vieira, K. M. D. A. (2014). “Onde estão as respostas para as minhas perguntas”? Cassandra Rios—a construção do nome e a vida escrita enquanto tragédia de folhetim (1955–2001) [Tese de doutorado]. Universidade Federal de Pernambuco
- Winnicott, D. W. (1994). Ideias e definições. In D. W. Winnicott. *Explorações psicanalíticas* (pp. 36–37). Artmed. (Trabalho original publicado em 1950).
- Winnicott, D. W. (1990). Natureza humana (D. L. Bogomoletz, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1988).
- Woolf, V. (2012). Profissões para mulheres. In V. Woolf. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas* (pp. 9–20). L&PM Pocket. (Trabalho original produzido em 1931 e publicado em 1942).
- Wolff, C. (2021). *Literatura erótica perde a vergonha e se consagra como gênero no Brasil*. Splash.
<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/01/02/literatura-erotica-perde-a-vergonha-e-se-consagracomo-genero-no-brasil.htm>
- Winnicott, D. W. (2020). Vivendo criativamente. In D. W. Winnicott. *Tudo começa em casa* (pp. 21–42). Ubu. (Trabalho original publicado em 1966).
- Winnicott, D. W. (2019). *O brincar e a realidade*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1975).
- Winnicott, D. W. (2018). Para Melanie Klein. In D. W. Winnicott. *O gesto espontâneo*. Martins Fontes. (Trabalho original produzido em 1952).
- Winnicott, D. W. (2023). O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. In D. W. Winnicott. *Família e desenvolvimento individual* (pp. 35–44). Ubu. Trabalho original publicado em 1960).
- Winnicott, D. W. (2022). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In D. W. Winnicott. *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador* (pp. 104–116). Ubu. (Trabalho original publicado em 1963).

- Winnicott, D. W. (2019). A comunicação do bebê com a mãe e da mãe com o bebê, comparada e contrastada. *In* D. W. Winnicott. *Bebês e suas mães* (pp. 104–123). Ubu. (Trabalho original publicado em 1968).
- Winnicott, D. W. (2022). A capacidade de estar só. *In* D. W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação* (I. C. S. Ortiz, Trad.; pp. 34–43). Ubu. (Trabalho original publicado em 1958).
- Winnicott, D. W. (2021). A contribuição da mãe para a sociedade. *In* D. W. Winnicott. *Tudo começa em casa* (pp. 145–150). Ubu. (Trabalho original publicado em 1967).
- Winnicott, D. W. (2021). Discussão dos objetivos da guerra. *In* D. W. Winnicott. *Tudo começa em casa* (pp. 250–263). Ubu. (Trabalho original publicado em 1940).
- Winnicott, D. W. (2021). Liberdade. *In* D. W. Winnicott. *Tudo começa em casa* (pp. 272–283). Ubu. (Trabalho original publicado em 1969).

14 CONCLUSOES

Quando iniciamos uma pesquisa, buscamos tratar de assuntos que são importantes para nós de forma singular, mas que também tenham um impacto na sociedade como um todo. Assim, quando optamos por falar de um objeto de pesquisa que nos é tão caro, um universo em que nos enxergamos submersos, pudemos nos levar a olhar para a tela e o teclado e descobrir que nada se sabe, ao mesmo tempo que se tem tanto para falar.

Dessa forma, por diversos momentos, parecia que o que estávamos construindo não estava à altura de representar toda potencialidade do que ocorre no Wattpad, tampouco de desenvolver essa representação de forma criativa, sem copiar, como descreve Winnicott. Nesse sentido, ao terminar todo esse apanhado de palavras, a sensação que impera é a de uma dívida com as autoras e com Winnicott de muito que poderia ser construído e que poderia ter sido abordado dessa interação que move autores e leitores na multiplataforma.

Gostaria de abrir margem aqui para uma experiência pessoal: o Wattpad contribuiu, e muito, para que eu enfrentasse momentos difíceis. Partindo do particular para o universal, encontrei em vários grupos de leitura depoimentos que se assemelhavam com o que eu tinha a fazer e, à vista disso, achei que a psicanálise winnicottiana tinha muito a contribuir para que esses fenômenos da publicação independente e da interação escrita e leitura fossem abordados e ganhassem notoriedade também no cenário acadêmico.

Isto posto, o princípio esperança que se acendeu na escrita deste trabalho chegou de forma tardia. Sabíamos que existia alguma coisa ali inerente a essa força de mulheres que abdicaram de uma família e da carreira tida como tradicional para viver da escrita. À vista disso, começamos os trabalhos antes da qualificação, em uma tentativa, ainda universalizante, de tratar a escrita na mesma linha de outros tantos trabalhos que priorizam o falocentrismo. É preciso destacar que muitos partem da ideia de mulher como um ser complementar ao homem para empreender grandes textos de libertação dessa lógica.

No entanto, compreendemos que este trabalho deveria conter o máximo daquilo que Winnicott atribui ao elemento puro feminino: o ser. Por isso, retirar da concepção de autoras o que é a escrita foi tão importante. Em nosso entendimento, não seria possível falar da escrita de mulheres sem demonstrar que é na diferença que elas promovem mudanças. Dessa forma, seria impossível falar de uma interação entre autores e leitores no Wattpad sem demonstrar que as mulheres precisam enfrentar um percurso de quase cem metros cheios de barreiras para que cheguem, de fato, até a publicação independente, principalmente a de livros eróticos.

Nessa perspectiva, visualizamos que a escrita também tem seu lado tóxico. É importante destacar o que Winnicott diz sobre a criatividade: se o sujeito experienciou o desenvolvimento de forma saudável e lhe tiver sido oferecido um ambiente suficientemente bom, ele consegue ter bases para o sentimento de que a vida vale a ser vivida, de forma que tudo que ele faça tenha resquícios criativos. Assim, não queremos priorizar uma visão positiva da escrita ou até mesmo romantizar esse gesto, mas compreendemos que é a partir da dificuldade que o gesto criativo tem seu potencial de ação acionado.

Dessa maneira, relembramos que, ao trazer grandes trabalhos sobre a escrita e seu lado deletério, estamos demonstrando que o conhecimento é plural. Existe espaço para ambas as temáticas. Acreditamos no potencial criativo do sujeito, mesmo sabendo que nada é tão simples ou romântico como pode aparentar. Por isso, trabalhar a partir da compreensão do ser, antes do fazer, nos é tão cara. Antes de tudo, essas mulheres precisavam compreender o que é ser sem os ditames da ciência, da filosofia e da sociedade, para depois criar, escrever. Que elastenham a liberdade de escolher!

Assim, até chegar ao brincar, foi preciso um trajeto que levasse as autoras e leitoras a construir esse espaço de descanso, de experimentação, para lidar com as exigências internas e externas, até criar o jogo da liberdade que ali encontramos, em que o simples movimento de escrita já pode desenvolver outros tantos movimentos emancipatórios entre outros leitores, possíveis futuros autores. Nesse sentido, abrimos espaço para destrinchar esse jogo da liberdade no Wattpad, buscando compreender o que seus usuários têm a dizer. Dessa forma, nessa concepção de um jogo, acreditamos que exista muito mais aproximações a serem construídas entre Winnicott e Maria Gabriela Llansol. Neste sentido, compreendemos que o movimento que é atribuído a comunidade *booktook*, que reúne os influenciadores do aplicativo *Tiktok* que falam sobre os livros, seria bastante pertinente para uma nova pesquisa, pois, por meio do aplicativo, a Bienal do Livro Internacional de 2023 teve número recorde de venda, bem como a presença de diversas editoras que publicam livros eróticos. Tudo isso é um universo inovador que pode ser destrinchado. Nesse jogo da liberdade, existem muitas fases a se completar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, L. M. (1953). *O escaravelho do diabo*. Ática.
- Anderson, P. (2017). *YA reading and writing trends from Wattpad's 60 million users*. Publishing Perspectives. <https://publishingperspectives.com/2017/10/watpad-ya-trends-publishing-insights-millennials/>
- Andrade, J., & Ferreira, A. C. (2023). *Mulher estuprada após ser deixada desacordada na rua: quais medidas motoristas de aplicativo devem tomar*. G1. <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2023/08/02/mulher-estuprada-apos-ser-deixada-desacordada-na-rua-quais-medidas-motoristas-de-aplicativo-devem-ter.ghtml>
- Arantes, G. (1983). Brincar de viver [Canção gravada por M. Bethânia]. In R. Seixas, S. Sá, F. Belém, Gang 90 e as Absurdettes, A. Marcos, M. Bethânia, J. Soares, E. Dusek, Z. Rodrix & Z. Vasconcellos. *Plunct plact zum: trilha sonora original*. Som Livre.
- Beauvoir, S. (2009). *O segundo sexo* (S. Milliet, Trad.; 2ª ed.). Nova Fronteira.
- Belo, F., & Scodeler, K. (2013). A importância do brincar em Winnicott e Schiller. *Tempo Psicanalítico*, 45(1), 91–101.
- Biazus, C. B. (2019). *Dicionário compartilhado: espaço de criação, resistência e subjetividade* [Tese de doutorado]. Universidade Federal de Santa Maria.
- Bloch, E. (2005). *O princípio esperança* (N. Schneider & W. Fucks, Trans.). Contraponto. (Trabalho original publicado em 1954).
- Branco, L. C. (1991). *O que é escrita feminina*. Brasiliense.
- Branco, L. C. (2012). *Quem me chama? Inspiração, talento e vocação da escrita* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=-zub6zq-n38>
- Bubnik, G. (2020). *O romance “hot” que virou febre no Wattpad*. Visite Brasília. <https://visitebrasil.com.br/noticias/o-romance-hot-que-virou-febre-no-wattpad>
- Carvalho, A. C. (2003). *A poética do suicídio em Sylvia Plath* (Vol. 15). Editora UFMG.
- Cixous, H. (2022). *O riso da Medusa*. Bazar do Tempo. (Trabalho original publicado em 1970).

- Colling, A. M. (2020). Violência contra as mulheres: herança cruel do patriarcado. *Diversidade e Educação*, 8, 171–194. <https://doi.org/10.14295/de.v8iEspeciam.10944>
- Cunha, A. G. (2019). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lexikon.
- Del Matto Faria, F. (2007). A questão do suicídio na teoria de D. W. Winnicott. *Winnicott e-Prints*, 2(1). <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/wep/v2n1/v2n1a03.pdf>
- Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Imago.
- Dias, R., & Matos, F. (2023). Patriarcado e o poder: uma abordagem interdisciplinar. *Recima21*, 4(8). <https://doi.org/10.47820/recima21.v4i8.3939>
- Doria, V. (2023). Brasil tem 6 milhões de mulheres a mais do que homens, revela IBGE. *Correio Braziliense*. <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2023/10/5138144-brasil-tem-6-milhoes-de-mulheres-a-mais-do-que-homens-revela-ibge.html>
- Ferreira, M. F., & Ferrari, I. F. (2017). A escrita e Virginia Woolf: vida e morte. *Tempo Psicanalítico*, 49(1), 80–97.
- Figueiredo, L. B. (2021). *O que vale entre as quatro margens da página? Um ensaio sobre o fenômeno do romance erótico brasileiro contemporâneo de autoria feminina* [Tese de doutorado]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Figueiredo, L. C. (2003). O paciente sem esperança e a recusa da utopia. In L. C. Figueiredo. *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea* (pp. 157–189). Escuta.
- Fulgencio, L. (2011). A ética do cuidado psicanalítico para D. W. Winnicott. *A Peste*, 3(2), 39–62.
- Galván, G. B., & Moraes, M. L. T. M. (2009). Os conceitos de verdadeiro e falso *self* e suas implicações na prática clínica. *Aletheia*, (30), 50–58.
- Gearini, V. (2021) *Cassandra Rios: a autora que teve 36 livros censurados durante a ditadura militar*. AH. <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-cassandra-rios.phtml>
- Houaiss, A. (1986). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Objetiva.
- Hurtado, J. C. (2016). *Às origens da partilha do sensível. O trágico, o sublime e a melancolia*. Relicário Edições.

- Irigaray, L. (1997). O gesto da psicanálise. In T. Brennan (Ed.), *Para além do falo: uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher* (pp. 171–185). Record; Rosa dos Tempos.
- Leite, T. (2019). *Conheça Cassandra Rios, a escritora mais proibida do Brasil* [Vídeo]. <https://www.youtube.com/watch?v=F7J3SaDFb88>
- Lemasson, A. (2011). *Virginia Woolf*. L&PM Pocket.
- Lewis, C. S. (2019). *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* (P. Mendes, Trad.). WMF Martins Fontes.
- Lispector, C. (2019). *Perto do coração selvagem*. Rocco.
- Llansol, M. G. (1994). *Lisboaleipzig 2: ensaio de música*. Rolim.
- Llansol, M. G. (1999). Carta aberta a Eduardo Prado Coelho. *Ciberkiosk*, (7).
- Llansol, M. G. (2001). *Parasceve*. Relógio d'Água.
- Loureiro, J. (2021). *Sprint de leitura: entenda como você pode ler mais*. Bingo. <https://www.livrobingo.com.br/sprint-de-leitura-entenda-como-voce-pode-ler-mais>
- Machado, C. E. J. (2008). O princípio esperança. *Trans/Form/Ação*, 31(1), 205–213.
- Machado, L. N. (2015). A vingança do lúdico: jogos, liberdade e realidade. VII Colóquio Internacional Filosofia e Ficção: A Arte da Vingança.
- Medeiros, C., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). Reflexões sobre *holding* e sustentação como gestos psicoterapêuticos. *Psicologia Clínica*, 26. <https://doi.org/10.1590/s0103-56652014000200004>
- Meirelles, R., & Severino, A. (2019). *A importância do brincar* [Vídeo]. <https://www.youtube.com/watch?v=tc136kE-bQc>
- Moraes, V. (2010). Olhe aqui, Mr. Buster. In V. Moraes. *Para viver um grande amor*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1962).
- Nascimento, M., & Brant, F. (1978). Maria, Maria [Canção gravada por M. Nascimento]. In F. Brant, M. Palomo, A. Gleijer, D. Reches & N. Brizuela. *Clube da esquina 2*. Fonogram.
- O que é o Wattpad? Um colapso para os pais. (2022). Internetmatters. <https://www.internetmatters.org/pt/hub/news-blogs/what-is-wattpad-a-breakdown-for-parents/>

- Orlandi, E. P. (1984) Segmentar ou recortar. In. *Linguística: questões e controvérsias*. Uberaba, p. 9-26
- Outeiral, J. O. (2009). D. W. Winnicott: o homem e a obra. *Viver: Mente e Cérebro*, (5), 6–15.
- Outeiral, J. O. (2010). Transicionalidade e criatividade: rabiscos sobre o viver criativo. *Jornal de Psicanálise*, 43(78), 91–98.
- Passos-Ferreira, C. (2014). O *self* como centro de ação em James e Winnicott. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 17, 27-42.
- Phillips, A. (2020). *Winnicott. Ideias & Letras*. (Trabalho original publicado em 1988).
- Plath, S. (2004). *Os diários de Sylvia Plath: 1950–1962* (K. V. Kukil, Ed., & C. Nogueira, Trad.). Globo.
- Prefeito de Barra do Piraí defende que controle populacional tem que castrar essas meninas. (2023). Uol.
<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2023/09/16/prefeito-de-barra-do-pirai-defende-controle-populacional-tem-que-castrar-essas-meninas.htm>
- Quem foi Cassandra Rios, a escritora mais censurada da ditadura militar. (2019). G1.
<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/03/31/quem-foi-cassandra-rios-a-escritora-mais-censurada-da-ditadura-militar.ghtml>
- Rancière, J. (1988). *A noite dos proletários*. Companhia das Letras.
- Rancière, J. (2005). *A partilha do sensível*. Editora 34.
- Rancière, J. (2016). *The method of equality: interviews with Laurent Jeanpierre and Dork Zabunyan*. John Wiley Sons
- Rios, C. (2000). *Mezzamaro, flores e cassis: o pecado de Cassandra*. Cassandra Rios.
- Rocha, Z. (2007). Esperança não é esperar, é caminhar: reflexões filosóficas sobre a esperança e suas ressonâncias na teoria e clínica psicanalíticas. *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, 10(2), 255–273.
<https://doi.org/10.1590/1415-47142007002005>
- Rosario, S. E. (2007). *Brincar de viver* [Tese de doutorado]. Universidade Federal Fluminense.
- Safra, G. (2012). Implicações do conceito de criatividade para a situação clínica. In I. Sucar & H. Ramos. *Winnicott: ressonâncias* (pp. 13–18). PSI.

- Schwab, V. E. (2021). *A vida invisível de Addie LaRue* (6ª ed.). Galera Record.
- Souza, N. S. D., & Pereira, V. C. (2018). A escrita da mulher/a escrita feminina na poesia de Maria Teresa Horta. *Estudos Feministas*, 2, 255–273. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n244115>
- Tavares, E. F. (2011). A re-leitura do mito grego e a re-escrita do feminino no romance contemporâneo: Cassandra, de Christa Wolf. *Travessias*, 5(3). <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/5863>
- Teixeira, M. A. (2022). Arte e política: a “partilha do sensível” em Jacques Rancière [Dissertação de mestrado].
- Valente, A. (2019). *Safo das lebos, a pioneira lésbica que a literatura tenta apagar*. Revista Híbrida. <https://revistahibrida.com.br/historia-queer/safo-das-lebos-a-poeta-queer-que-a-heterossexualidade-tenta-apagar/>
- Velano, M. F. S. (2020). *Razão onírica, razão lúdica: perspectivas do brincar em Freud, Klein e Winnicott* [Tese de doutorado]. Universidade de São Paulo.
- Velasco, C., Grandin, F., Pinhoni, M., & Farias, V. (2023). *Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas*. G1. <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/brasil-bate-recorde-de-feminicidios-em-2022-com-uma-mulher-morta-a-cada-6-horas.ghtml>
- Vieira, K. M. D. A. (2014). “Onde estão as respostas para as minhas perguntas”? Cassandra Rios—a construção do nome e a vida escrita enquanto tragédia de folhetim (1955–2001) [Tese de doutorado]. Universidade Federal de Pernambuco
- Winnicott, D. W. (1982). O mundo em pequenas doses. In D. W. Winnicott. *A criança e o seu mundo* (pp. 76–82). LTC. (Trabalho original publicado em 1949).
- Winnicott, D. W. (1990). Natureza humana (D. L. Bogomoletz, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1988).
- Winnicott, D. W. (1994). A experiência mãe-bebê de mutualidade. In D. W. Winnicott. *Explorações psicanalíticas* (pp. 195–202). Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1969).

- Winnicott, D. W. (1994). Ideias e definições. In D. W. Winnicott. *Explorações psicanalíticas* (pp. 36–37). Artmed. (Trabalho original publicado em 1950).
- Winnicott, D. W. (1994). Uma nova luz sobre o pensar infantil. In D. W. Winnicott. *Explorações psicanalíticas* (pp. 119–123). Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965).
- Winnicott, D. W. (2018). Para Melanie Klein. In D. W. Winnicott. *O gesto espontâneo*. Martins Fontes. (Trabalho original produzido em 1952).
- Winnicott, D. W. (2019). A comunicação do bebê com a mãe e da mãe com o bebê, comparada e contrastada. In D. W. Winnicott. *Bebês e suas mães* (pp. 104–123). Ubu. (Trabalho original publicado em 1968).
- Winnicott, D. W. (2019). *O brincar e a realidade*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1975).
- Winnicott, D. W. (2020). A mãe dedicada comum. In D. W. Winnicott. *Os bebês e suas mães* (pp. 17–28). Ubu. (Trabalho original publicado em 1966).
- Winnicott, D. W. (2020). O conceito de indivíduo saudável. In D. W. Winnicott. *Tudo começa em casa* (pp. 21–42). Ubu. (Trabalho original publicado em 1967).
- Winnicott, D. W. (2020). Vivendo criativamente. In D. W. Winnicott. *Tudo começa em casa* (pp. 21–42). Ubu. (Trabalho original publicado em 1966).
- Winnicott, D. W. (2021). A contribuição da mãe para a sociedade. In D. W. Winnicott. *Tudo começa em casa* (pp. 145–150). Ubu. (Trabalho original publicado em 1967).
- Winnicott, D. W. (2021). Discussão dos objetivos da guerra. In D. W. Winnicott. *Tudo começa em casa* (pp. 250–263). Ubu. (Trabalho original publicado em 1940).
- Winnicott, D. W. (2021). Este feminismo. In D. W. Winnicott. *Tudo começa em casa* (pp. 217–230). Ubu. (Trabalho original publicado em 1964).
- Winnicott, D. W. (2021). Liberdade. In D. W. Winnicott. *Tudo começa em casa* (pp. 272–283). Ubu. (Trabalho original publicado em 1969).
- Winnicott, D. W. (2021). Memórias do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade. In D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise* (pp. 327–355). Ubu. (Trabalho original publicado em 1949).

- Winnicott, D. W. (2022). A capacidade de estar só. In D. W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação* (I. C. S. Ortiz, Trad.; pp. 34–43). Ubu. (Trabalho original publicado em 1958).
- Winnicott, D. W. (2022). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In D. W. Winnicott. *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador* (pp. 104–116). Ubu. (Trabalho original publicado em 1963).
- Winnicott, D. W. (2022). *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador* (I. C. S. Ortiz, Trad.). Ubu. (Trabalho original publicado em 1962).
- Winnicott, D. W. (2023). O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. In D. W. Winnicott. *Família e desenvolvimento individual* (pp. 35–44). Ubu. Trabalho original publicado em 1960).
- Wittig, M. (2016). A marca do gênero (R. V. Guedes, Trad.). <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4696795>
- Wolff, C. (2021). *Literatura erótica perde a vergonha e se consagra como gênero no Brasil*. Splash. <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/01/02/literatura-erotica-perde-a-vergonha-e-se-consagracomo-genero-no-brasil.htm>
- Woolf, V. (2012). Profissões para mulheres. In V. Woolf. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas* (pp. 9–20). L&PM Pocket. (Trabalho original produzido em 1931 e publicado em 1942).
- Woolf, V. (2012). Profissões para mulheres. In V. Woolf. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas* (pp. 9–20). L&PM Pocket. (Trabalho original produzido em 1931 e publicado em 1942).
- Woolf, V., & Bell, A. O. (1989). *Os diários de Virginia Woolf*. Companhia das Letras.